



Daniel Peixoto
Cantor

A história do construtor de embarcações que veio, viu, venceu e iça velas ao futuro

Ficha Técnica

Equipe de Produção:

Alan Santiago
Bruno Reis
Débora Medeiros
Roberta Félix

Texto de abertura:

Alan Santiago

Participação:

Alan Santiago
Andréia Oliveira
Bruno Reis
Chico Célio
Débora Medeiros
Edgel Joseph
Emanuele Sales
Henrique Araújo
Livia Eveline
Luar Brandão
Roberta Félix

Fotografia:

Diogo Braga
Manoel Nogueira

Daniel Peixoto não passa incólume. É um dos performers mais conhecidos – e comentados – da cena alternativa de Fortaleza. Talvez por conta de seu cabelo de um loiro forte, da maquiagem que deixam os cílios brancos, das botas que gosta de usar com um grande salto, amarradas a fivelas, das tatuagens pelo corpo, de sua androginia visível e de uma certa rouquidão na voz pelos excessos de cigarro e noites mal dormidas. Mas certamente o cantor do duo Montage inquieta porque construiu para si uma personalidade racional, paradoxalmente pautada pelo sonho, mas também pelo suor.

E, mesmo que histórias assim de rounds vencidos contra a maré da vida já não sejam novidades nas páginas dos jornais e nas conversas do dia-a-dia, as múltiplas vivências desse menino, que cresceu no Crato e ganhou o mundo através da tríade música-determinação-vontade, têm tantas idiosincrasias que somente ele, um personagem complexo e multifacetado, poderia mesmo abarcar.

Converteu tudo isto em som: os pais, separados ainda muito cedo, morando a milhares de quilômetros de distância um do outro, o que o obrigava a se deslocar e se desenraizar; ele, nascido no seio de uma família tradicional, mas sempre criado com uma pitada de deboche e de individualidade, de auto-confiança; as notícias e músicas de lugares distantes trazidas pelos amigos bem como as festas, o jeito de se vestir e de se comportar. Por tudo, uma sensação de independência o invadiu muito cedo. Veio para a capital quando a outra cidade já não comportava mais suas necessidades; e morou com amigos.

Viveu decerto num farol. Lá, por onde as embarcações se guiam, ele tentou criar seu próprio navio. E conseguiu. Talvez tenha sido num desses dias em que só havia em casa bolacha recheada para comer (porque economizava para a intensidade da noite) que lhe veio como num sopro de sorte uma oportunidade da qual ele já estivera no encalço há tanto tempo. Desde a época de infância, desde sempre, enfim. Era o barco que executara com sua própria madeira, bem fornida e du-

radoura. Era sem dúvida o que o levaria até outras paragens muito mais distantes do que já tinha conquistado.

Tornou-se, então, a voz de uma legião. Daqueles que não se levam a sério e debocham do mundo, dos que se perdem e se acham, mas apostam antes de qualquer coisa; jogam-se de cabeça num abismo labiríntico que são as escolhas, as possibilidades, o jogo do destino que pressupõe também exclusão. Mas Daniel escolheria as mesmas portas, os mesmos caminhos, deixaria novamente os seus amores em favor de sua música.

Isso se reflete na melodia e nas letras de suas canções, decididas, excitantes e inacreditavelmente psicodélicas. É também em sua música onde reside o motivo de lhe terem tomado por louco, desregrado ou exagerado. Ele está inteiro, da mesma forma que está no palco quando sobe pomposamente vestido e vai, aos poucos, se despindo. Até ficar quase nu. E toda nudez de um ser humano que se revela aberto e irrestrito é castigada. Mas é o preço que temos de pagar.

O que oferecemos nestas páginas é o retrato de um artista quando jovem, irrequeto numa busca por uma expressão, por uma voz que seja pessoal, verdadeira, impar; um mosaico ainda inacabado, que talvez nunca chegue a ser completado; a eterna insatisfação do fazer artístico. Um homem composto de planos e de pessoas – planos para o futuro imediato e pessoas de um passado ainda recente. E é impossível que Daniel Peixoto passe mesmo incólume a tudo, porque ele vive e pulsa e está içando as velas de sua embarcação ao futuro, esse mar infindo.



Entrevista com Daniel Peixoto em 28 de outubro de 2008.

Bruno – Então, Daniel, pra começar: em entrevista à *Folha de S. Paulo* (jornal fundado em 1921 com o nome de *Folha da Noite*, é, segundo dados do Instituto Verificador de Circulação, o jornal de maior circulação no país), você disse que, quando era criança, por ter traços finos e o cabelo comprido, as pessoas chegavam a confundir você com uma menina e isso lhe incomodava muito. Como é que isso se transformou, que isso evoluiu pra o artista que você é hoje, que usa essa coisa da androginia como proposta estética?

Daniel – A família do meu pai é alemã. Eu não nasci no Crato (cidade que fica no extremo sul do Ceará, região conhecida como Cariri, perto da fronteira com Pernambuco). Na verdade, eu nasci aqui (em Fortaleza), mas eu passei uma época – antes de morar lá – que eu ia muito com a minha mãe pra visitar meus parentes e tal. E essa coisa dessas confusões era nessa época até quatro, cinco anos. Que era natural. Eu era um bebê muito branco, com cabelo comprido; enfim, um bebê, voz fina... E, às vezes, as pessoas cumprimentavam ou falavam, direcionavam pra minha mãe como se eu fosse uma menina. Mas isso era uma coisa que me incomodava porque, na minha cabeça, quando eu olhava no espelho, eu não conseguia enxergar uma menina ali.

Isso me incomodava nessa época. Depois, quando eu comecei a trabalhar com moda, em 1997, as pessoas começaram a querer despertar isso... Foi aquela coisa, eles definem o que você é. Se você é a loira fatal, se você é o saradão da praia. Como eu via que funcionava muito, muito bem mesmo (a androginia) pro que eles queriam – e isso era uma característica estética que tava muito em alta –, eu fui começando a ver que isso poderia ser revertido ao meu favor. E, quando eu montei a banda, tava no auge dessa volta da androginia, porque foi uma época que Brian Molko, (vocalista) do Placebo (banda de indie rock formada em 1994 por Brian Molko, Stefan Olsdal e Robert Schultzberg), tava muito "estourado", Shirley Manson, (vocalista) do Garbage (banda de rock com elementos eletrônicos formada em 1995 por Duke Erikson, Shirley Manson, Steve Marker e Butch Vig)...

Então, essa estética tinha voltado a ganhar uma notoriedade justamente na época. É uma coisa que instiga muito. (risos) Eu ainda não consegui entender o porquê. Mas é muito, muito, muito forte essa coisa da ambigüidade sexual. Até hoje eu me olho no espelho e não me acho parecido com uma mulher. Mas em fotografia, em vídeo, com uma luz, com a roupa, com uma maquiagem, é muito fácil. Até o Leco (Leonardo Jucá de Queiroz, 32 anos, forma com Daniel o duo de eletroclash Montage; DJ, comanda o groovebox, aparelho que solta as bases eletrônicas da banda nas apresentações ao vivo) brinca que é só botar um brinco, já virou (risos). E, quando eu vi que isso despertava muito, eu comecei a pegar isso ao meu favor. Hoje em dia já é uma coisa faz parte da minha identidade artística, pelo menos. Essa coisa de saber lidar, talvez pela moderação, e eu nunca ter virado um homem de peruca, saca? Ou nunca ter virado um homem vestido de mulher. Eu sei dosar e as pessoas sabem compreender essa coisa de querer brincar com a estética dos dois sexos.

Andréia – Você acabou de falar que isso virou um ponto de identidade sua ou mesmo da sua apresentação no palco...

Daniel – (interrompe) Menina, eu já não tenho mais paciência. (risos) Eu só saía maquiado, muito produzido. Hoje eu fujo disso porque eu já enchi o saco mesmo. Mas, quando tem a coisa do trabalho, então realmente já vira uma coisa... É tão bacana isso, porque, quando a gente subverte, acaba chamando uma atenção igual. Eu fiz um editorial de moda pra uma revista que chama *Lounge*. Foram oito fotos publicadas. Eu e o Leco em todas as fotos de terno e gravata, sem maquiagem. Meu cabelo tava muito grande nessa época, mas tava preso. Foi uma outra coisa que impressionou da mesma forma, então já serve de contraponto. É uma coisa que eu me ligo que dá pra funcionar, porque já causa estranheza, como se eu tivesse maquiado ou de vestido.

Andréia – Como é que você faz uma definição do que seria sua identidade hoje? Já que você tem essa identidade mais voltada pro palco, pro show... Qual seria a sua?

Daniel – Cara, minha identidade pessoal já

Nascido em Fortaleza em 5 de janeiro de 1982, Daniel Peixoto Cordeiro de Farias foi o primeiro neto de Edênia e Idelci Peixoto. Seus pais são Valéria Peixoto Cordeiro de Farias, ex-miss Crato e hoje funcionária pública, e Osvaldo Cordeiro de Farias, falecido em 2007, jornalista natural do Rio de Janeiro que gostava muito de viajar.

O casal se conheceu quando Osvaldo viajou para o Crato. Iniciaram um namoro, mas não casaram. Quando Valéria ficou grávida, Idelci não aceitou a situação e ela teve de sair de casa. Vanessa Peixoto, irmã mais nova de Valéria, morava em Fortaleza e a recebeu em sua casa.

Os pais de Daniel não ficaram juntos. Quando ele tinha cinco anos, voltou com a mãe para o Crato, onde ela se casou com Evandro, com quem Daniel tem uma boa relação. Valéria teve mais dois filhos: Mateus, hoje com quinze anos, e Varna, de oito.

tá formada há muito tempo. Eu sei o que eu gosto, eu sei o que eu quero, pra onde eu quero ir. Então, já é o começo de tudo. Quando você sabe pra onde você quer ir, você já sabe quem você é. É mais ou menos isso mesmo. São as coisas que eu sinto, são as coisas que eu gosto, são as coisas que me definem. Acho que, no final desta entrevista, vocês já vão ter muito mais essa informação das coisas que eu falo do que eu estar dizendo quem eu sou, quais são as minhas características, enfim...

Bruno – Falando em saber o que quer, Daniel, é verdade que na primeira vez que você pisou no palco você tinha quatro anos de idade? Foi um show infantil? Como é que foi?

Daniel – Não, não foi um show infantil, foi um... Tem um evento, que eu não sei se tem aqui em Fortaleza, deve ter aqui também, todo ano no Crato tem. É a feira dos livros infantis do SESC (*Serviço Social do Comércio*). Lá no Crato funcionava numa praça que tinha – hoje foi destruída –, tinha uns músicos, acho que era um karaokê (*evento em que as pessoas podem cantar acompanhados de arranjos pré-gravados em algum tipo de mídia*), alguma coisa nesse sentido. A minha mãe perguntou se eu não queria cantar. Eu fui, cantei o repertório inteiro deles e as pessoas ficaram loucas com isso, batendo foto... No final, eu ganhei vários livros de presente. Talvez ali eu pensei: “Posso ganhar alguma coisa se eu fizer isso”. E, depois, eu sempre quis, é verdade, desde criança, eu sempre quis fazer o que eu faço hoje. Essa lembrança é muito forte, assim, de eu querer tá no palco, cantando. E, daí, da música, poderiam vir outras formas de expressão, como teatro, enfim, moda... Mas eu sabia que a onda seria essa: no palco, cantando.

Logo depois eu procurei, eu fiz aula de canto, estudei piano, recentemente eu fiz aula de guitarra... Porque eu sabia que, uma hora ou outra, caso acontecesse, eu ia precisar dessas ferramentas. Eu acho que poderia ter estudado muito mais, já que eu já sabia o que eu que-

“Eu sei o que eu gosto, eu sei o que eu quero, pra onde eu quero ir. (...) Quando você sabe pra onde você quer ir, você já sabe quem você é.”

Desde 2005, Daniel Peixoto e Leco Jucá formam a banda de eletro punk Montage. Por trás do palco está o produtor Ricardo Lisboa, formado em Comunicação Social pela UFC. Ele é o responsável pelos contatos que garantem inserções em festivais, clubes e casas de shows país afora.

ria. Mas como as coisas vão tomando outros rumos, as coisas foram aparecendo e eu fui me adaptando às situações, (*o estudo*) ficou um pouco de lado. Mas, quando eu comecei a banda, que eu tava fazendo exatamente o que eu sempre quis, eu parei tudo o que eu fazia.

Bruno – E de onde veio essa vontade?

Daniel – Não sei te explicar de onde veio essa vontade... Porque, na minha infância, eu não tinha acesso a artistas, as coisas que eu via eram as coisas da televisão. Não sei, mas, nos anos 1980 – eu não vejo mais isso hoje, porque as crianças não se interessam por isso mais –, tinha muita banda formada por crianças: Balão Mágico, Trem da Alegria, Abelhudos, bla-bla-blá... E acho que, de uma certa forma, aquilo chama a atenção de uma criança você ver que uma criança estava fazendo aquilo. Então juntava os discos, ficava dublando, cantando no espelho, pra ver como era. Hoje eu não vejo mais essas bandas de criança. Os artistas que as crianças gostam não são crianças. As crianças de hoje gostam da Ivete (*Sangalo, cantora baiana*).

Alan – E como é que foi seu início no mundo da moda? Como foi que você entrou?

Daniel – Então, eu morei em 1996, 1997 no Rio (*de Janeiro*) e, na época que eu morava no Rio, eu tava no shopping; eu recebi um cartão de uma galera de uma agência, pedindo pra eu visitar, que dava pra fazer algumas coisas. Eu acho que eu tinha uns 14 anos nessa época (*Daniel faz as contas em voz baixa*)... Quinze anos. Eu tinha um metro e sessenta e cinco, falei: “Esse cara deve tá querendo me comer. Porque não faz sentido”. Eu sempre soube que a primeira coisa pra você trabalhar com moda é que você tinha que ser alto. Meu pai perguntou: “Não, você não tá a fim de ir lá? Vamos”. E o cara falou que tinha uma outra segmentação, que era a parte comercial, que era pra foto, VT (*mídia que permite a gravação de arquivos de vídeo – aqui, Daniel se refere à publicidade audiovisual de maneira geral*), essas coisas.

Quando eu comecei a me interessar por isso, e ver que tinha um caminho possível a ir, nessa época, eu voltei pro Ceará. E, do Rio, eu fui pro Crato de novo. No Rio, eu falo, porque meu pai era carioca. Lá no Crato, eu conheci uma menina que tinha acabado de se formar em estilismo, que era amiga minha da época do teatro, e tava fazendo alguns eventos de moda lá no Crato e tava vindo (*para Fortaleza*) fazer alguma coisa aqui também. Quando ela veio pra cá, ela trouxe algumas fotos minhas e apresentou pro pessoal de uma marca, deixa eu ver se eu lembro qual era o nome da marca... (*faz careta*) Packway (*marca e loja de roupas voltada ao público jovem, popular nos anos 90*). E o cara imediatamente quis

fazer umas fotos e eu ficava vindo todo final de semana pra trabalhar com as coisas aqui. E a coisa foi crescendo tanto que aí a agência (*de modelos, empresa que gerencia a carreira desses profissionais*) do Rio indicou a agência daqui, que era a Book, representante da Ford Models (*uma das maiores agências de modelos do mundo, fundada em 1946 por Eileen e Jerry Ford, possui filiais em diversos países*). Eu fiquei trabalhando uma época com a Ford. E eu trabalhei muito, eu fiz muita publicidade, muito comercial de clube, comercial de refrigerante, comercial de... (*risos*) carro. Rolava umas coisas assim. E, quando eu fazia uma coisa mais fashion mesmo, era mais voltado pra isso que eles queriam, um cara que parecesse uma menina, então sempre era isso.

Com o tempo, depois que eu conheci muita gente, eu fui começando a encher o saco de coisas do tipo... Você fica três horas na fila, aí: "Oh, você é louro? A gente quer um moreno". Horas numa fila, aí o cliente te recebe: "Não, você não tem a cara do verão do Ceará", umas coisas tipo isso assim. Você perdia muito tempo com coisas que poderiam ser muito mais óbvias, mas parece que eles estão o tempo inteiro te testando pra saber se você quer realmente aquilo. Nunca tive um sonho, nunca vislumbrei alguma coisa nesse sentido. Fui me distanciando disso de uma forma quase que repugnante. Fiquei com os meus amigos da moda pra sempre, são meus amigos até hoje.

Depois, quando eu passei a trabalhar na TV União (*emissora com programação voltada ao público jovem e baseada em videocliques musicais. Estabelecida em Fortaleza em 2002, sua transmissão via satélite tem alcance nacional, chegando até à América e parte da Europa*), e depois com a banda, que voltaram a me fazer convites pra trabalho de moda, já tinha uma outra regalia, já era uma coisa muito mais fácil. Porque eles já sabiam quem eu era, o que eles queriam comigo. Não tinha essa coisa de ficar em *casting* (*processo de seleção de atores ou modelos para determinado trabalho*), de ficar fazendo teste, de ficar levando 'não' por coisas, enfim...

Bruno – É verdade que foi o Nicolas Gondim (*fotógrafo de moda cearense, fez várias colaborações para o jornal O Povo, além de editoriais para as revistas Criativa e Manequim*) quem te deu os primeiros toques, de como você devia se portar, como é que você devia se vestir?

Daniel – Foi. O Nicolas foi quem abriu o mundo. Porque eu cheguei do Rio com uma referência completamente inversa do que eu tava vivendo na época. Eu tinha saído do Crato, tava numa grande cidade sozinho pela primeira vez, então eu tava muito mais no

funk, numa coisa assim, do que nessa coisa da tendência de moda. E o Nicolas me mostrou as coisas de forma muito honesta: "Não é o conto de fadas que as pessoas pregam". Eu lembro que a primeira coisa que o Nicolas me deu na vida foi um livro dessa grossura (*faz um gesto pra mostrar que o livro tinha muitas páginas*), que se chamava *Modelo – o mundo feito das pessoas lindas*. Ele: "Ó, lê isso aqui imediatamente pra você saber qual é". E foi me dando referências. Até hoje, ele é um conselheiro, eu confio demais em tudo que ele fala. Justamente porque, no começo, ele acreditou e viu que poderia sair dali alguma coisa interessante, sabe? E ele me ajudava pra caramba, ele me indicava pros trabalhos. Os trabalhos que eu fazia, que eu pegava direto sem fazer *casting*, eram por indicação dele. E ele foi virando um amigo mesmo, assim, da minha casa. Eu era muito novo, a minha família me deixava sair com ele, porque eles viam que ali existia uma cumplicidade, que ele gostava de graça de mim.

Ele me dava revista de moda internacional, me levava pros trabalhos dele. Eu ficava fazendo assistente de fotografia. Então, eu pude também fazer a coisa do outro lado, da produção... Eu também não sei fazer nada se eu não tiver envolvido na produção. Eu não sou um artista tão livre ao ponto de (*mexe nos gravadores sobre a mesa*) – isso eu falo dos meus trabalhos – ao ponto de simplesmente alguém chegar e dizer o que fazer ou me dirigir, ou dizer quem vai trabalhar, quem vai fazer a luz. Eu gosto de escolher tudo. Isso é uma coisa que eu peguei com ele também: saber quem vai ser o fotógrafo, saber quem vai ser o iluminador, saber quem vai gravar minha voz. Tudo isso eu prefiro saber antes, e é uma característica que eu peguei dele, essa coisa de saber com quem você vai trabalhar,

"Nunca tive um sonho, nunca vislumbrei alguma coisa nesse sentido (a carreira como modelo). Fui me distanciando disso de uma forma quase que repugnante."

Essa banda sem pudores nasceu numa festa homônima organizada por Ricardo. Já a idéia do nome veio de Patrick Bachi, guitarrista que participou da banda nos primeiros anos, mas saiu por desavenças com os outros integrantes.

O Montage se apresentou na Parada pela Diversidade Sexual de 2006 em Fortaleza e atingiu recorde de público, com 400 mil pessoas, superando a façanha da parada de 2005, quando tocaram por 3 horas no trio elétrico para 300 mil pessoas.

O Montage é conhecido pela espontaneidade de suas letras. "Raio de Fogo é uma canção de umbanda, que tem essa entidade e tal que é a pomba-gira Raio de Fogo", conta Leco Jucá. "Benflogin foi ele (Daniel) também que fez, mas começou de improviso no dia".

saber com quem você vai se envolver, se aquela pessoa tem uma afinidade profissional com você...

Alan – Foi um contato, então, que acabou te ajudando na construção do Daniel do Montage?

Daniel – Certeza absoluta! E não é nem um contato. O Nicolas, é engraçado, virou um amigo mesmo, logo, rápido, na primeira semana. Eu cheguei aqui, fui fazer um *casting* pra um desfile e ele tava. Ele ficava falando que queria falar comigo. E eu com medo. "Meu Deus, (risos) o que é que esse louco que nem me conhece quer falar comigo?". Depois, eu fui num desfile do Lino (*Villaventura, estilista nascido em Belém, fez carreira no Ceará e hoje é dono de uma marca que leva seu nome, comercializada nacionalmente*), ele tava fotografando. Ele falou: "Ó, vi você naquele dia", tal, tal. Pronto, assim, me apresentou logo às pessoas, a gente começou a conversar; virou um amigo mesmo. Tá voltando comigo agora pra São Paulo, na próxima semana, e vai ficar lá três semanas, trabalhando lá em casa.

Débora – E, Daniel, você disse que conseguiu muitos amigos no mundo da moda...

Daniel – Muitos.

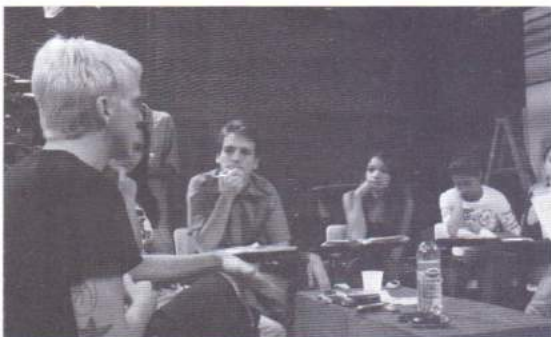
Débora – ...E muitos continuam até hoje. Mas o mundo da moda também é muito competitivo, né? Também tem muita...

Daniel – (*interrompe*) Eu acho que justamente por eu nunca ter competido com ninguém. Como, aqui em Fortaleza pelo menos e nos trabalhos que eu fiz fora, realmente eu era aquela pessoa pra aquele papel, então nunca tinha essa coisa da concorrência. E eu nunca fiz. Os meus amigos – tenho amigos que são modelos dessa época, mas não são os meus grandes amigos – eram mais as pessoas do estilismo, os fotógrafos, os maquiadores, os produtores de moda, mais essa galera do *backstage* (*palavra inglesa para "bastidores"*) mesmo.

Débora – Muitos desses estilistas acabaram tendo contato também de figurino com o Montage, né?

Daniel – Total.

Débora – Como é que é feita essa produção? Quem é que chama? Ou é uma coisa mais casual?



O primeiro álbum saiu pelo selo Segundo Mundo, do produtor Dudu Marote, com fotos de Manuel Nogueira. *I trust my dealer* marca uma atitude punk e uma batida eletrônica com misturas do funk carioca, da cultura pop e elementos africanos.

Daniel – Depende. Quando a gente vai fazer algum editorial pra alguma revista, por exemplo, normalmente o diretor de arte da revista já sabe o que ele quer. Então, a gente chega e já tem uma roupa ali, ou então, pelo menos algumas opções pra gente escolher. Quando as fotos são nossas, de divulgação ou para um álbum, enfim, qualquer coisa; a gente conversa – eu, Leco, Ricardo (*Ricardo Lisboa, empresário e produtor do Montage, é considerado por Daniel como o terceiro membro da banda*) –, o que é que a gente quer, criar um conceito em cima do que a gente quer passar. E a gente vai atrás do estilista, ou, enfim, do produtor de moda que possa direcionar a gente até aquilo.

No primeiro disco, a gente usou Lino Villaventura. Por quê? Porque, como a gente tinha acabado de sair do Ceará e tinha vontade de fazer essa ligação direta da música com a moda, o caminho mais fácil seria o Lino – por ser um estilista daqui que tinha conseguido notoriedade espetacular aqui e fora. E, como eu tinha acesso ao Lino justamente por causa dessa época e porque os profissionais que trabalhavam com ele – eu não conhecia o Lino daqui, conhecia (*de falar:*) "Oi, tudo bem, Lino?", mas não era meu amigo... Só que todas as pessoas que trabalham com ele são meus amigos dessa época. Foi muito fácil, com um telefonema a gente conseguiu. E foi muito generoso da parte dele abrir o acervo. Ele levou a gente num depósito, onde tinha tudo que era de todas as coleções, de todos os desfiles dele, e eu já era muito fã, eu (*imita um grito histérico*): "Aaaah!" (*risos de todos*). Fui pegando tudo assim (*faz gestos com a mão, como se estivesse pegando várias roupas*).

Então tem, geralmente, um propósito. Nessa da revista, da *Lounge*, que eu falei, a gente mesmo sentou: "Que que a gente quer?". Essa revista *Lounge* é uma revista mais sofisticada, eu tinha acabado de fazer um editorial pra uma revista daqui, que chama *Seven* (*revista cearense de moda, cultura e gastronomia*) e o tema era *Victor ou Victória* (*filme alemão de 1933, dirigido por Reinhold Schünzel, conta a história de uma cantora que se disfarça de homem para poder cantar – é mais conhecido, porém, pela refilmagem de 1982, dirigida por Blake Edwards, com Julie Andrews no papel principal*). E eu falei: "Leco, a gente acabou de fazer uma revista que tem esse tema. Vamos subverter agora, vamos pôr terno, vamos fazer uma coisa mais...". Então, a gente sempre conversa. Quando é uma coisa mais ocasional, mais cotidiana, tipo: "Ó, cês vão fazer uma foto pro jornal tal, tal dia, três horas". Ah, eu vou com a roupa que eu quiser, o Leco vai com a roupa que ele quiser, e a gente grava. Mas, quando a gente vê que é uma coisa que

vai circular muito mais, geralmente foto de revista, foto especial pra jornal é escroto porque a gente faz um milhão de fotos, eles publicam uma e não dão as outras. Então a gente vê que aquilo ali não vai ser usado mais. Mas as nossas fotos de divulgação têm normalmente um cuidado de pré-produção, de escolher o fotógrafo certo, a locação correta, quem vai vestir, quem vai maquiar.

Bruno – E essa parte fica toda sob o seu controle?

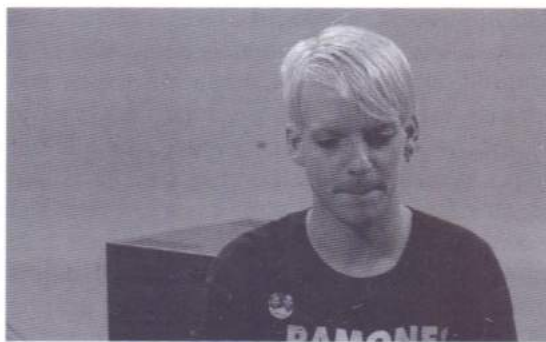
Daniel – Não. Tudo a gente conversa. (*assume um tom bem-humorado*) As pessoas acham que eu sou o ditador (*bate na mesa*) do Montage (*risos*)! Tudo a gente conversa e nada eu resolvo só, nada, nada, nada, nada. Só que, por eu ter um conhecimento de moda um pouco maior do que os meninos, porque eu já vivi nesse (*meio*), lógico que eles me dão ouvidos por conta disso. Mas não é que eu imponha nada. Já tentei milhões de coisas. Tipo: (*voz de entusiasmo*) “Ah, meu Deus, vista isso, Leco”; ele disse: “Não”. Aí eu disse: “Pronto”, sabe? E era uma coisa assim, eu sempre tive essa idéia do que eu queria passar e o Leco vinha de outras bandas com linguagem completamente diferente. E, depois que a gente entrou mesmo nesse circuito de moda, de tocar em desfiles... Em São Paulo, tem muito disso. A coisa da música é muito, muito vizinho à moda. Onde você toca são os lugares onde as pessoas da moda freqüentam e bla-bla-blá. E o fato de a gente fazer muita revista, também, já cria essa conexão. Então, ele por si só já foi encontrando o personagem dele dentro do Montage. E hoje eu nem me preocupo mais, mesmo. Assim: “Vamos?”. “Vamos”. Já tá tudo certo.

Andréia – Daniel...

Daniel – Já coincidiu da gente ir com a mesma roupa pra um ensaio (*risos*).

Andréia – Como a gente vê que várias bandas, independente do estilo musical, vêm usando muito de sensualidade em palco pra montar sua performance. Como é que você monta a sua performance, no âmbito de sexualidade dentro do Montage, como é que você utiliza? Qual é a sua intenção?

Daniel – É engraçado, porque eu poderia responder que seria uma coisa espontânea, como foi no começo. Só que hoje a gente já chegou num nível no qual todos os meus movimentos são friamente calculados (*risos*). Porque eu já fiz tanto e eu já sei tanto o que as pessoas gostam de ver ou o que as pessoas não gostam de ver e o que eu faço pra provocar, que já virou meio que uma direção de palco. Uma coisa muito espontânea, como no começo. Mas eu já sei exatamente como me moldar nisso. A minha preocupação, sempre, é tentar segurar o show e fazer com que as



pessoas, ao mesmo tempo em que elas dançam, possam assistir também, se elas quiserem. Um espetáculo pra ver e a música pra ouvir.

Alan – E o que as pessoas não gostam de ver?

Daniel – Ah, depende... Por exemplo, do público. Eu já fiz shows em lugares completamente contraditórios uns dos outros. Tipo agora em Natal (*capital do Rio Grande do Norte*), eu tinha preparado uma mistura de Nescau com bananada e fiz essa coisa ficar muito preta. Teve uma hora que eu dei um gole e joguei nas pessoas assim... (*risos*). Eu vi que aquela atitude desagradou todo mundo. (*risos*) Ninguém tinha curtido aquela coisa.

E, ao mesmo tempo, é bom porque instiga, causa uma outra sensação, né? O show do Montage eu acho que é isso, é muito do sensorial. Quando as pessoas tão muito concentradas, envolvidas, rola mesmo de sentir alguma coisa. É a função da arte. Tem pessoas que gostam de certas coisas, a gente não pode ser tudo que as pessoas pretendem que seja. Tem que dar uma sujadinha (*risos*).

Célio – Outra coisa muito freqüente, pelo menos na sua vida pública, foi o trabalho na TV. Você já foi VJ da TV União (*do inglês “Video Jockey”*). Na emissora, apresentador de programa de videocliques musicais. Na verdade, Daniel participou da primeira seleção para VJ, em 2003, mas não foi selecionado), já apresentou um programa pra Internet (*o programa Asterisco, que ia ao ar através do site Gerador Cultural – nesse mesmo programa trabalhavam Leco Jucá e Ricardo Lisboa, que formariam posteriormente o Montage*), sua tia disse inclusive que você já tentou (*vestibular para o curso de*) Jornalismo, a sua tia Vanessa...

Daniel – Foi... Mas ainda bem que não deu certo. (*risos*).

Célio – E qual foi o papel desse momento da sua vida pra formação do artista que você é hoje?

Daniel – Eu sempre gostei muito dessa coisa da música, mas eu sempre gostei muito da comunicação. E a minha música não deixa de ser isso. Eu tô trocando uma mensagem com as pessoas. E, nessa época que eu tava desis-

Os álbuns seguintes foram dois: Ao Vivo no Second Life, cujo show tornou a banda a primeira da América Latina a fazer apresentações em ambientes virtuais, e o EP Montagem 2008, especialmente produzido para uma turnê pela Europa. Ambos com seis músicas.

A equipe de produção teve o primeiro contato próximo com Daniel num dos encontros do projeto Literatura de Lua, que acontecem no café da livraria Lua Nova, no Benfica. A arte-educadora Fernanda Meireles, que organiza a programação, conhecia Daniel há 5 anos.

Daniel foi convidado ao encontro para tratar do tema "A primeira vez", em julho de 2008. A novidade era ser pai. Ouvindo as histórias de vida que o rapaz contava desinibido, o grupo se interessou pela personalidade do vocalista do Montage.

tindo da moda, e que justamente coincidiu a idade que eu tava... Quando eu comecei a fazer muita coisa de moda, eu parei dois anos de estudar, eu não tava conseguindo conciliar. E eu sabia que a hora era aquela, e que estudar eu podia fazer depois. E foi o que eu fiz. Quando eu parei, que eu voltei, tava pra terminar o terceiro ano, eu ficava, lógico, como todo mundo: pensando o que era que eu queria fazer. Eu nunca quis estudar música, porque eu acho, eu conversava com as pessoas que tinham feito Música na Uece (*Universidade Estadual do Ceará*), e todo mundo me falava exatamente o que eu já achava: que é muita teoria, muita teoria, muita teoria, e eu tava fugindo exatamente disso. Eu queria fazer e aprender na prática, como tem sido.

Eu estudei piano, estudei guitarra; nunca consegui dominar esses instrumentos. E agora, no Montage, depois disso, eu já consigo tocar teclado; se eu pego uma guitarra, eu acompanho o que você toca. Só de ter a vivência daquilo.

Então, não queria estudar música. E eu gostava dessa coisa da Comunicação e fiquei com a idéia (*de fazer o curso*) muito tempo. Eu fui pesquisar cursos e ver coisas que eu podia fazer naquela área, mas aí – e ainda bem –, que não deu certo. Acho que eu teria me arrependido muito se eu tivesse estudado, isso ou qualquer outra coisa também.

Célio – Mas e a experiência...

Daniel – E aí, exatamente, apareceu meio que por acaso. Eu fiz os testes pra TV União, e eles estavam procurando um casal. E eu não entrei nessa seleção. Mas: 15 dias depois, eu tinha sido convidado pra produzir o programa da Karine, Karine Alexandrino (*cantora cearense de eletro rock e apresentadora de TV, tem dois discos lançados, "Solteira Producta" e "Querem acabar comigo, Roberto"*). Que foi ela quem tinha dado o toque pra eu procurar a TV porque ela achava que eu tinha alguma coisa a ver e tal. Como eu não tinha conseguido entrar pra apresentar o programa, ela indicou: "Por que você não fica produzindo o meu programa?". O programa dela, que tá no ar

"Acho que eu teria me arrependido muito se eu tivesse estudado isso (música) ou qualquer outra coisa também."

Os futuros produtores ainda nem sabiam se iriam participar da disciplina, mas era certo o nome que lançariam: Daniel Peixoto, cantor e performer do Montage. Dois meses depois, na votação com a turma, Daniel ficou entre os três primeiros escolhidos.

até hoje, o Liquidificador. A gente começou a produzir muito antes de entrar no ar. Em trinta dias, o pessoal da TV já tinha perguntado se eu não queria fazer o meu próprio programa (*que veio a se chamar Tantos Talentos*). Isso foi em 2003, aí eu passei um ano inteiro. Eu dirigia, eu apresentava, fazia as externas, decupava (*decupar é o processo de selecionar as imagens que serão usadas em um produto audiovisual*), editava, trilhava (*botava a trilha sonora*), fazia tudo. Tinha uma menina que apresentava, que era a patrocinadora do programa. Então, até dirigir, falar o que ela tinha que falar... A gente ia pras externas, eu fazia a pergunta antes, em off (*em meios audiovisuais, tudo aquilo que não está posto em cena, ou seja, fora do quadro ou da banda sonora – pode se referir, de maneira geral, àquilo que fica somente nos bastidores do programa*), ela repetia pro entrevistado. Então, fazia tudo. Chegou um ponto que eu falei: "Ó, eu fui contratado aqui pra ser produtor, eu tô fazendo seis serviços, eu quero ganhar "2X", "Ah, 2X não dá, vou dar X" (*Daniel na verdade quis dizer um valor inferior ao sugerido*). "Então contrata alguém pra trabalhar comigo". "Não". "Tchau" (*solta beijo*).

Lá na TV União, as pessoas achavam que eu tava fazendo aquilo porque eu queria aparecer na TV. E não era. Eu queria fazer um trabalho bacana e eu sustentei até onde deu. Eu falei: "Sabe o que eu vou fazer? Em vez de eu estar atrás de patrocinador – alguém que pague, tipo, 15 mil reais – que eu venha a ficar com dois, três, eu vou fazer meu próprio programa na Internet". Foi a época do começo que bombou (*fez muito sucesso*) Orkut (*site de relacionamentos na Internet, o mais popular no Brasil, no qual os usuários mantêm páginas pessoais, participam de comunidades e trocam mensagens*), fotolog (*página pessoal em que é possível postar fotos e trocar recados*), essas coisas. A gente tinha um público muito, muito, muito grande por conta desse fervor, essa coisa *fresh* da Internet, da possibilidade de todo mundo ter acesso àquilo. E a gente passou um ano inteiro fazendo o programa, justamente as mesmas pessoas do Montage: eu, Leco e Ricardo.

A gente fez o programa um ano. A gente viajava, as pessoas de festival adoravam. Eles bancavam as nossas passagens, por ser um projeto independente. A gente fez (*cobertura do*) *Abril pro Rock*. Viajei muito, fazendo várias coisas bacanas. E só acabamos o projeto do programa porque a gente começou a banda, e deu muito certo muito rápido, tipo, em dois meses. Depois, a gente ainda tentou continuar com o programa, aproveitando o frenesi da banda, mas a gente se concentrava numa coisa ou noutra. A gente escolheu fazer a banda.

Roberta – Daniel, e como é que foi, pra você, desde o começo, toda a questão de trabalhar com a moda, trabalhar em desfiles, cantar no coral e tudo mais? Como é que foi a vivência, com a família, pra isso?

Daniel – Hum... A minha mãe sempre apoiou só em não ser contra as coisas que eu fazia. E a coisa da música sempre houve um incentivo. Quando eu comecei a trabalhar com moda, eu já não tinha um controle familiar. Eu já era solto no meio do mundo.

Roberta – Era aos dez anos (*em uma das entrevistas para a produção da pauta, a equipe de produção apurou que Daniel teria começado a desfilas aos dez anos*)?

Daniel – Não, dez anos, não! Era aos quinze. Por mais que eu fosse muito novo, por mais que ela dissesse que não, pra mim, não ia mudar em nada. Depois, com o Montage, quando o Montage teve uma abertura maior, tudo virou maravilha, todos os problemas acabaram, tudo que não gostava virou ok. Porque é aquela velha história: eu sempre repeti os mesmos erros porque eu sabia que os meus erros iam resultar no que eu estava procurando. E, pra eles, era muito complicado entender isso, já que a galera estava no Crato, numa cultura completamente diferente.

Alan – Mas que erros eram esses?

Daniel – É muito complicado, por exemplo, você (*se refere a ele mesmo*) chegar, com 16, 17 anos, pra minha avó, que tem 74, e dizer que eu ia ter uma banda de eletro e ia tirar a roupa no palco, as pessoas iam ficar gritando e que eu ia pegar o microfone e botar no cu (*risos*). Talvez ela não achasse isso interessante. Depois que veio a coisa do reconhecimento, deu tudo certo. Mas eu comi o pão que o diabo amassou quando eu morava no Crato, por vários fatores. As pessoas me achavam um ET (*sigla para extra-terrestre*). Tudo o que eu fazia ninguém entendia como se eu tivesse tentando expressar alguma coisa artística. As pessoas sempre viam como afronta, como agressão, como anarquismo. E não era essa a intenção. Nunca foi. Eu não sou assim. Nunca me esforcei em agredir as pessoas. Eles me ensinaram a fazer isso (*risos*).

Alan – E isso partia da própria família?

Daniel – Também. A questão do interior – não sei se vocês já moraram em interior – tem uma coisa muito assim: a culpa não é minha, a culpa é da minha mãe que não soube me educar ou a culpa é de fulano que não deu a instrução correta. Então, acaba que as pessoas vêem e começam a cobrar uma postura dos terceiros, que são minha família, mas... Eu respondo por mim e você responde por você. Isso vem muito da cobrança familiar. Então, eles se questionavam até que ponto aquilo poderia ser tido como normal. Nunca me en-

caixei nesse perfil. Depois com a banda deu tudo certo. Foi apagado, não houve nenhuma discussão. Ficou tudo ótimo e pronto. Eu prefiro.

Alan – E por que você acha que aconteceu assim, de uma hora pra outra?

Daniel – Porque eles começaram a ver que tava dando certo, que eu não tava mais pedindo dinheiro, que eu tava ganhando minha própria grana, que eu morava fora, que todos os meus primos e as minhas primas da minha idade que todo mundo passou a vida inteira mandando estudar e que estudaram pra caralho nenhum tá fazendo o que queria e eu tô.

Henrique – Daniel, essa trégua é importante pra ti?

Daniel – Não. Chegou um limite da minha vida que eu comecei a me importar muito, muito pouco com isso mesmo. Ou eu virava vários amigos que eu tenho, que se restringiram a fazer milhões de coisas e se frustraram por não fazer as coisas que faziam bem pra eles por conta do que as pessoas iam achar... E eu tinha certeza que não queria viver daquela forma. Então, começou a ser desinteressante. Eu sempre tive um respeito enorme pela minha mãe e pelo meu pai, mas sempre tentando mostrar a eles que eu não ia deixar de fazer nada que eles viessem a reprovar. Eu ia fazer do mesmo jeito e, infelizmente, eles gostassem ou não, ia ser feito. Foi o que aconteceu. Com o meu pai não tive muito contato nessa formação artística, mas (*ele*) sempre adorou, sempre apoiou, sempre me deu a maior força em tudo. Hoje, está tudo certo. Não tenho tanto contato com a minha família hoje, porque antes eu morava lá – era diferente. Eu tinha que viver naquela sociedade, mesmo que obrigatoriamente. E lógico que hoje eu vou, visito, falo com todo mundo, sou muito bem recebido, mas eu não tenho a importância de

**Meus primos da
minha idade que
todo mundo passou
a vida inteira
mandando
estudar e que
estudaram pra
caralho nenhum
tá fazendo o que
queria e eu tô.**

Entrar em contato com Daniel foi relativamente fácil. Débora lembrou do contato que tinha com Rafael Bandeira, um dos proprietários da casa de shows HeyHo. Rafael nos repassou o telefone do empresário e produtor Ricardo Lisboa.

Ricardo nos deu o telefone da residência de Daniel em São Paulo. O performer aceitou de pronto participar do projeto. Ele avisou que estaria em Fortaleza em setembro para uma apresentação e que poderíamos realizar a entrevista nessa época.

As entrevistas para a produção da pauta começaram com Fernanda Meireles. Por indicação do produtor do Montage, procuramos a tia de Daniel, Vanessa Peixoto, e os amigos Raquel Pessoa Cortez e Gabriel Moraes.

saber se fulano tá bem, se fulano tá vivo, nem aí mesmo.

Emanuele – Daniel, você falou que os seus pais, de certa forma, te apoiavam. Além deles, que outras pessoas da tua família te apoiavam também?

Daniel – Muitas pessoas isoladas. Porque as minhas idéias, muitas delas, o que eu queria fazer, eu sabia que eu não podia executar ali. Então, eu não ia poder contar com a ajuda daquelas pessoas porque elas não tinham ferramentas pra me ajudar. Podiam me ajudar num conselho, numa coisa nesse sentido. Mas não tinha mesmo alguém que pudesse... Porque nada das coisas que eu queria fazer estavam ali. Quem me apoiou mesmo foi minha tia Vanessa, que sempre foi minha amiga e é minha segunda mãe. Foi quem me hospedou quando eu saí fora do Crato e vim pra cá, então, morava com ela. Ela, sim, me ajudou muito. Mas as pessoas que estavam lá, muito pouco.

Luar – E o que é que você queria fazer lá e não podia?

Daniel – Não tinha o que fazer. Eu queria fazer o que eu faço hoje. Eu queria cantar, eu queria fazer alguma coisa com Comunicação, de repente, fazer um espetáculo – eu estudei teatro muito tempo –, mas não tinha um caminho ali. Eu trabalhei no Crato numa loja de bicho, vendendo ração, e trabalhei em duas lojas de roupa como balconista de shopping. E eu já tava ficando louco, eu sabia que não dava pra ficar naquela muito tempo.

Emanuele – E amigos lá do Crato?

Daniel – Muitos. Até hoje. São meus amigos de infância, são pessoas que construíram uma história comigo e fazem coisas completamente distintas, mas, ao mesmo tempo, existe um carinho, um amor pra sempre. Olha: meu melhor amigo é do Crato e mora a 50 metros de mim em São Paulo. Porque ele morava em Barcelona, mas sabia que queria estar do meu lado nessa época da minha vida. Ele se formou em Cinema e sabia que São Paulo era um campo bom pra atuar.

Alan – Quem é?

“Era um grupo (de amigos) de umas dez, quinze pessoas, que a gente queria trazer um pedaço da Europa pro Crato (risos).”

Fernanda Meireles nos recebeu à tarde em casa, bem disposta e gentil como costuma ser. Ouvimos histórias de Daniel e da vida musical e noturna de Fortaleza no começo dos anos 2000. Pra encerrar bem a reunião, bolinhos, refrigerante e torradinhas com patê.

Daniel – O Diego (*Linard*). A Dani (*Daniela Guesser*), que é uma amiga minha de muito tempo, mora em São Paulo. Quando eu tô por aqui, eu sempre visito meus amigos de infância. Quando eu vou pra lá, uma vez na vida, eu sempre encontro todo mundo, saio, festojo, farreio, parece que eu nunca fui (*embora*), parece que fui pra casa no dia anterior e encontrei com eles no dia seguinte. Porque, antes de tudo isso, eu sei, na verdade, que essas pessoas são meu porto seguro. Eu sei que não têm nenhum interesse, essas pessoas não me conheceram numa festa, sabe, num show ou alguma coisa nesse sentido. São pessoas que gostavam de mim e eu sinto esse amor antes de qualquer coisa ter acontecido.

Célio – Sua tia Vanessa chegou a comentar, em uma pré-entrevista, que você tinha uns amigos “loucos”. Como era esse grupo dentro do Crato? Que lugares vocês frequentavam, o que é que vocês faziam?

Daniel – Tínhamos um grupo que éramos o Gabriel, que vocês entrevistaram, o Diego, que é esse menino que morava na Espanha, que mora hoje lá em São Paulo, tinha o Alexandre (*Herbert*), que é filho do dono da Cajuína São Geraldo (*marca cearense de refrigerante feito à base de caju*), e o pai dele era o prefeito de Juazeiro (*do Norte, cidade do Cariri cearense, distante 600 km de Fortaleza, popular pela romaria dedicada ao Padre Cícero. Foi emancipada em 1911, tendo cerca de 240 mil habitantes em 2008*). Então, era um grupo de umas dez, quinze pessoas, que a gente queria trazer um pedaço da Europa pro Crato (*às gargalhadas*). Pros lugares que a gente frequentava a gente já levava os nossos próprios discos; já dominava, as pessoas ficavam com ódio, porque a gente tava tirando o forró. Eu já me vestia, eu juro por Deus, exatamente (*enfático*) assim com 14, 15, 16, 17 anos. E eu era o mais ok (*no sentido de mais “normal”*) de todos eles. E sempre tinha um choque muito mais pelas pessoas, aquela velha história, né? “Meu Deus, por que a família desse povo deixa eles fazerem isso?” Nunca era: “Por que é que esse povo faz isso?”. (*imitando voz de espanto*) “Meus Deus, o filho do prefeito...”. Nunca ninguém ligou. A gente se divertia horrores. Esse meu amigo, que é filho do dono da Cajuína, que era então prefeito, também mora a 50 metros de mim. Não nos despregamos até hoje, continua a mesma máfia (*risos*).

Bruno – Você falou do seu pai. Você nunca chegou a morar com ele...

Daniel – Morei.

Bruno – Morou? E como é que era a relação com ele?

Daniel – Era maravilhosa. Sempre foi muito boa. Quando eu era criança, eu tive menos contato. Eu ia só passar férias. Quando eu

nasci, eu fui direto pro Rio, fiquei lá um tempo, voltei pro Ceará, fui pro Crato e depois eu sempre ia, sempre passei férias com ele. Teve uma época em que eu comecei a ficar seis meses com ele e seis meses com a minha mãe. Que era quando eu já estava mais crescido e já tinha decidido isso. E teve uma época em que eu fiquei só com ele que foi justamente 1996 e 1997. E foi maravilhoso assim, eu tenho só lembranças boas.

Alan – E você passou oito anos sem vê-lo, não é?

Daniel – Foi, de 1997, o ano que eu vim embora... Não foi tudo isso, não, eu acho. Será que foi? Até 2004. Uns seis, sete anos.

Bruno – E por que todo esse tempo?

Daniel – Porque, assim, quando eu fui embora do Rio, eu fui embora porque eu tive muitos problemas com a ex-mulher dele. Existia uma família formada: ele, ela e os meus dois irmãos, e eu caí de pára-quebras naquela situação, tentando me adaptar àquilo, e foram caminhos completamente contraditórios. Pra mim, é até difícil falar sobre isso com vocês, porque é a mãe dos meus irmãos e eu não quero estar difamando ela. Mas não havia entendimento. Nenhum! Eu fui até o limite, onde deu pra conviver e acabou que não deu mesmo. E teve uma série de fatores que ela apontava e que meu pai passou a desacreditar em mim e acreditar nela. Então, eu vi nessa época que não fazia sentido eu ficar convivendo numa situação onde eu estava sendo desacreditado. Depois, quando os anos foram se passando e ele pôde constatar que tudo o que eu tinha alegado era verdade, aí ele voltou e eu vi que ele tava reconhecendo o erro, mas não teve uma coisa de perdão, não teve uma briga. "Ah, eu briguei com meu pai e por isso eu...". Foi mais uma questão de situação. Enquanto aquilo estivesse acontecendo, eu não poderia estar ali.

Alan – Que coisas eram?

Daniel – Ai, cara, coisas terríveis! É muito difícil pra eu contar isso em entrevista porque não dá. É a mãe da minha irmã, que eu amo muito, e não vou ficar contando essas coisas bizarras. Mas eram coisas muito, muito pesadas mesmo. Ponto.

Bruno – Mas hoje você se dá bem com ela?

Daniel – Com quem? Com a mulher? Não. De forma nenhuma. Encontrei com ela, depois desse dia que eu fui embora, no velório do meu pai. É lógico que eu fui educado, como eu fui com todas as pessoas, mas nada de chorar no ombro. Não fazia sentido nenhum.

Emanuele – Daniel, essas suas idas ao Rio, que você disse que chegava a passar seis meses com a sua mãe aqui no Ceará e seis meses com seu pai no Rio. Isso não afetava nos

estudos, por exemplo?

Daniel – Afetava muito. Eu repeti a sétima série justamente por uma brincadeira dessa. Porque eu fui, fiquei os seis primeiros meses e eu já não tava querendo voltar. Eu tava adorando viver essa nova vida no Rio e tal. Eu fiquei enrolando, enrolando e agosto e setembro... E minha mãe já desesperada e acabei voltando, mas não consegui mais acompanhar nada. O nível de ensino no Rio é muito superior ao ensino no Crato, apesar de lá eu ter estudado em escolas boas. Mas era outra história, completamente diferente. E foi mais ou menos nessa época que eu comecei a me desinteressar. Eu fui um ótimo aluno, mas chegou uma época que eu não tinha mais nenhum interesse em estudar, lá pelos 14, 15 anos. Eu levei o segundo grau de uma forma muito, muito, muito nas coxas. Parei dois anos depois, na época em que eu tava trabalhando já. Vim terminar a duras penas.

Emanuele – Você acha que isso te influenciou a não querer se formar?

Daniel – Não, porque é engraçado isso: eu nunca gostei de estudar as coisas que eu via na escola, mas eu sempre tive vontade de fazer faculdade. E, durante a adolescência, eu pensei em várias coisas até chegar na decisão do Jornalismo. Acho que também, talvez, por uma influência do meu pai, que era jornalista. E, de uma certa forma, eu já tinha circulado naquele universo meio que de penetra, mas, enfim, tava ali dentro.

Emanuele – Mas como era essa circulação?

Daniel – Meu pai tinha uma agência de notícias, que era uma agência de publicidade também uma época. Então, eu tava sempre lá. Ele trabalhou em redação, me levava, então, eu freqüentava esse universo. Ele ficava escrevendo em casa. Escrevia e lia sobre o que ele tava escrevendo. Eu comecei a usar a Internet nos primórdios. Eu me lembro de usar a Internet em 1995 (*a rede mundial de computadores surgiu a partir da ARPANET, que possuía fins militares, tendo ganhado seu nome e formato definitivo no começo dos anos 1990, teve seu lançamento comercial no Brasil justamente no ano de 1995*). Nenhum dos meus amigos que eu pergunto, nenhum começou a



A bicha loura vai chegar do Crato". Fernanda Meireles ainda não sabia, mas essa seria a primeira vez que ela ouviria falar de Daniel Peixoto. Era ainda 2001 e aquele ano marcava a chegada do cantor a Fortaleza.

Depois de Fernanda, a equipe procurou a irmã da mãe do cantor, Vanessa Peixoto. A rotina da tia Vanessa, que estuda Direito e trabalha na Procuradoria de Justiça, quase não dava folga para um encontro. Mas, para compensar, o papo foi espontâneo e emocionado.

Vanessa, que é muito parecida com Daniel, abrigou o sobrinho no apartamento dela quando ele se mudou para Fortaleza, em 2001. Vanessa fala dele como um filho que não teve. Mostrando sintonia, na entrevista, o cantor reconheceu na tia uma grande amiga e também a segunda mãe.

usar a Internet antes de 1998, que foi quando veio se popularizar – em 1997, 1998. Porque tinha Internet nas redações, discado, caríssimo, enfim... E talvez isso tenha influenciado, de certa forma. Eu nunca fui avesso a estudar, só não gostava das coisas que estavam se passando naquela época. Talvez pela minha vida já ter uma intensidade muito grande, já me despertando pra outras coisas. Eu achava – olha que bobo! –, eu achava que, naquela época, estava perdendo tempo estudando (*risos*). E eu já tava fazendo outras coisas. Depois é que você começa a se ligar da importância que aquilo tem e vai atrás do prejuízo. Como eu fui depois. Além de eu terminar, eu fiz um curso supletivo, só pra poder estar atualizando as informações que, pra mim, já estavam perdidas mesmo. Então, eu parei de estudar em agosto, no ano em que eu tava fazendo o terceiro ano, e fiquei dois anos parado e voltei do começo de novo ao terceiro ano e ainda fiz o segundo grau inteiro de novo pelo supletivo.

Edgel – Em algum momento, você temeu sair do Crato, ter uma independência tão precoce?

Daniel – Não. Eu já tava louco pra que isso acontecesse. (*risos*) Quando eu vim pra cá, eu vivi uma vida miserável mesmo no começo, mas eu sabia que era o preço que eu tava pagando pela minha escolha. E eu sabia que aquilo ia mudar um dia. Engraçado, porque eu sempre tive certeza de que tudo ia dar certo e era isso que me motivava.

Henrique – Era exatamente nesse ponto que eu queria chegar antes da pergunta do Edgel. A partir das respostas que você dá, a gente percebe que você tem uma segurança muito grande da sua trajetória. E isso não apenas hoje, mas parece que foi um traço que lhe acompanhou desde a infância, como você acabou de falar, você é muito precoce. Realmente, contando, parece que os problemas iam surgindo, mas você ia driblando...

Daniel – Sempre foi.

Henrique – Era isso que eu queria saber, se

“Eu sempre senti que eu era uma pessoa só. (...) só no sentido de que, se eu quero alguma coisa, quem tem que trabalhar por ela eu.”

Com muitos anos de convivência, Vanessa descreve os hábitos noturnos do sobrinho: “Ele não dormia durante a noite, ele sempre dormia durante o dia. Até hoje é assim. Ele fica agora no computador. Embora ele não saia, ele não dorme, ele fica acordado.”

houve nesse período um momento de crise, de dúvida, se você chegou a tombar e cair e achava que não ia mais levantar, se foi realmente assim, o tempo passando, essas coisas se colocando no seu caminho e você está aqui hoje, por exemplo.

Daniel – Eu sempre senti que eu era uma pessoa só. Não só no sentido de não ter amigos, mas só no sentido de que, se eu quero alguma coisa, quem tem que trabalhar por ela sou eu. E isso sempre foi uma meta que... Foi uma recordação que eu tive desde sempre. Eu sempre fiz de tudo para que as coisas acontecessem conforme o meu planejado. E eu também sabia que muitas vezes ia dar errado, como ainda dá errado até hoje, como essa história de Londres* e outros contratempos que a gente enfrenta, que são inevitáveis. Mas eu sempre soube que eu não poderia desistir, mesmo nas quedas. Essa história da TV União, que eu contei, quando eu fui ter a reunião com a direção, eu tinha certeza absoluta que eles iam topar minha proposta. Pra mim, ali, não fazia mais sentido eu continuar trabalhando o tanto que eu trabalhava pra ganhar o tanto que eu ganhava. E essa reflexão de eles acharem que o que eu tava cogitando naquele universo era estar com minha cara exposta... E não era. E depois disso eu comecei tudo de novo. Tudo que eu tinha construído. E, dessa vez, sozinho, fazendo meu próprio programa, com meu próprio equipamento, editando na minha própria casa. Quando eu via que uma coisa não ia dar certo ali, eu começava de novo, por um outro caminho e foi assim desde sempre.

*Nota da edição: Em novembro de 2007, o Montage realizaria por conta própria uma pequena turnê pela Europa, onde lançaria um disco e faria shows na Inglaterra, Alemanha, França e Portugal. A entrada dos integrantes seria pela Inglaterra. Entretanto, Daniel foi detido na chegada ao aeroporto de Heathrow, em Londres. A polícia britânica confiscou bagagem e documentos do cantor, que ficou detido com outros imigrantes por 31 horas. Segundo declarações de Daniel, o tratamento que recebeu foi discriminatório e ilegal. O incidente repercutiu pela mídia nacional, tendo sido noticiado em veículos como Folha de São Paulo, O Povo e no portal G1. Houve também grande número de manifestações de solidariedade na Internet, em páginas pessoais e de redes sociais.

Livia – Daniel, voltando um pouco no tempo, qual é a lembrança que você tem mais marcante da infância?

Daniel – Mais marcante? Vixe...

Bruno – Tem a história do Xou da Xuxa (programa infantil matinal de variedades, apresentado por Xuxa Meneghel na TV Glo-

bo, de 1986 a 1992. Foi o programa infantil de maior sucesso no período. Daniel participou de uma das apresentações, em 1990, e ganhou um beijo da apresentadora)! (risos da turma)

Daniel – (enfático) Não. Porra de Xuxa! (risos) Teve outras coisas tão mais bonitas. A minha lembrança de infância – e é uma coisa que me fez ser tão precoce: a minha mãe era superprotetora e eu sempre estava com ela. Então, eu sempre frequentei um núcleo de adultos, mesmo pivete. E eram todas pessoas maravilhosas que são meus amigos até hoje, porque criou-se isso. E eram artistas plásticos, cantores, pessoas que me viram bebê e acabou que se criou uma conexão direta. Então, eu tenho muita lembrança com essas pessoas. Não sei se vocês conhecem a Aparecida Silvino, que é uma cantora aqui de Fortaleza. A primeira recordação que eu tenho, eu lembro da Aparecida cantando, em bares e com a minha família. E sempre esse universo do Crato mesmo, a minha infância muito relacionada ao Crato mesmo. Porque, quando eu comecei a ir pro Rio e vivenciar mais a coisa do Rio de Janeiro, eu já tava com a cabeça em transição. Por mais que eu fosse uma criança, eu já tava raciocinando mais além. Então, as minhas lembranças de infância são, a maioria, do Crato mesmo, e daqui algumas também.

Bruno – Daniel, você contou lá no Literatura de Lua (*série de encontros temáticos semanais organizados pela arte-educadora Fernanda Meireles, que acontecem no café da livraria Lua Nova, no bairro Benfica, em Fortaleza*) – você falou até agora também – que, quando criança, chegou a trabalhar num *pet shop*. Como foi a experiência?

Daniel – Não era um *pet shop* não, *baby*, era uma loja de bicho mesmo, saco de ração aberto assim (risos). Era de um tio meu, tio-avô, irmão da minha avó. Era uma loja de vender alimento, ração, gaiola. E eu era bem criança, tipo 11 anos. E eu adorava, nunca foi um fardo. “Ah, trabalho infantil”. (risos) Eu adorava mesmo. Eu tinha prazer em trabalhar.

Bruno – Mas por que você foi trabalhar lá?

Daniel – Porque eu queria comprar minhas coisas; minha mãe não tinha dinheiro nenhum. Nessa história dessa relação meu pai-minha mãe, uma coisa que ela sempre me ensinou é: nunca pedir nada a ele. Se ele sabia que eu existia, que ele desse. Tinha épocas que ele não mandava nada e ficava por isso mesmo. Ele também tinha as crises dele lá. E, 11 anos, nessa época eu já ia muito ao Rio e voltava, eu tinha conhecimento e eu queria ter coisas que as outras crianças lá do Crato não estavam nem vendo pra isso, sabe? E a minha mãe nunca ia poder me dar aquilo. Então, foi

uma coisa natural. Não que eu ganhasse bem, mas eu tava trabalhando e eu tinha aquele dinheiro e, pra mim, aquilo era ótimo.

Bruno – E o que é que você comprava com esse dinheiro?

Daniel – Ah, álbum de figurinhas (risos), roupa, tênis, brinquedos, discos. Sempre gastei muito dinheiro com disco...

Alan – Você nunca chegou a parar de estudar pra trabalhar, não?

Daniel – Parei. Eu parei em agosto. Não era aquela história que tava contando? Eu estudei o ano inteiro e em agosto eu parei pra fazer as coisas de moda. Porque eu morava no Crato e eu vinha todo final de semana. E isso tava ficando muito caro pros contratantes. E eu não tava numa condição de *top-model* que eu pudesse fazer isso, saca? E, como eu também já estava querendo fugir da escola, eu já estava querendo unir o útil ao agradável. Quando eu comecei a me interessar pela coisa da moda foi que eu fui buscar...

Alan – Mas não era uma condição de necessidade financeira porque você parou?

Daniel – Trabalhar? Era, porque eu já morava só e precisava do meu dinheiro.

Lívia – Daniel, você falou de uma nova vida lá no Rio. O que é que essa nova vida tinha lá que não tinha aqui no Crato?

Daniel – Eita, mulher, tanta coisa! A começar pelo número de gente, que no Rio são 14 milhões e no Crato são 100 mil (*segundo os índices de 2008 do IBGE, Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, o município de Crato tem população de 115.724 habitantes, enquanto a cidade do Rio de Janeiro tem 6.161.047 de habitantes*). Eu tinha acesso a informações muito mais rapidamente do que no Crato. Eu tinha acesso a um número muito maior de possibilidades de conhecer pessoas, eu tinha a possibilidade de me divertir muito mais, de lazer pra criança, de entretenimento mesmo. Culturalmente, a minha avó é uma

“Imagina você sair do Rio, cheio de idéias, sabendo exatamente o que você quer da sua vida, e você pro Crato. Eu fiquei uma época meio que louco.”

Quando tia Vanessa descobriu que o bebê da irmã não era uma menina, teve uma reação inesperada - como ela mesma confessa: “Eu não quis nem vê-lo, saí correndo do hospital, porque não acreditava que era homem”.

A família de Daniel é grande: são cinco tios por parte de mãe e quatro do lado paterno. Eles estão espalhados pelo Brasil, se concentrando principalmente no Rio, em Fortaleza e no Crato. Mas há parentes também em Belo Horizonte e em Vitória.

No final de 2007, o pai de Daniel faleceu por causa de um ataque cardíaco. Tinha cerca de 40 anos de idade. No fim de semana em que Osvaldo morreu, Daniel tinha ido visitá-lo. O cantor contou que a perda do pai o abalou profundamente.

pessoa muito rica nesse sentido, então, ela sempre me levava em espetáculos de dança, em ópera, em teatro, em cinema. Pra mim, era um universo muito, muito grande. Quando eu voltei pro Crato, não tinha nem cinema. O cinema do Crato foi inaugurado em 1998, dentro do shopping (*o único cinema da região, o Cine Cariri, fica, na verdade, no Cariri Shopping, em Juazeiro do Norte-CE, cidade vizinha ao Crato. A produção da entrevista ressalta, porém, que, antes do nascimento de Daniel, até meados dos anos 1970, havia cinco salas de cinema no Crato: Cine Moderno, Cine Casino, Cine Educadora, Cine São Francisco e Cine São José*). Então, imagina você sair do Rio, cheio de idéias, sabendo exatamente o que você quer da sua vida, e você volta pro Crato. Eu fiquei uma época meio que louco: "Eu preciso sair daqui, urgente!"

Emanuele – De certa forma era isso que você buscava, quando saiu do Crato para ir para o Rio passar esse período com o seu pai?

Daniel – Também. Porque também teve a outra parte, que foram essas confusões, esses problemas, que foram muito, muito sérios mesmos. No começo, e durante a época em que eu queria ir pra lá, em que eu ainda tava me adaptando, essa coisa dos seis meses, era tudo muito lindo, assim, porque não tinha os problemas que a vida cotidiana te traz. Mas o Rio é uma cidade que eu aprendi a amar. Eu tenho lembranças muito, muito fortes de lá. É uma cidade que eu conheço muito bem. É engraçado isso; eu passo seis, oito meses, um ano, sem ir pro Rio, mas eu não esqueço de nada, eu sei exatamente onde as coisas estão; no trânsito, o que é mão, o que não é; como é que faz pra chegar em tal lugar. E eu amo mesmo os meus amigos do Rio, com quem eu estudei na época lá, são meus amigos até hoje também, e os que eu fiz com o Montage são maravilhosos. Eu volto sempre, e sempre é uma certeza de que eu vou me divertir muito.

Emanuele – Daniel, só voltando um pouco: a sua mãe casou novamente, constituiu família. Como é a sua relação? Como era, no início, a relação com o marido dela (*no caso, Evandro, padrasto de Daniel, que casou com Valéria Peixoto em 1990*), com os filhos, e depois com seus irmãos?

Daniel – Sempre maravilhosa! A minha mãe conheceu o marido dela no mesmo dia em que eu conheci ele, por conta de amigos em comuns dela, e eu tava lá no dia e tal. É tão engraçado, eu lembro de tudo; eu lembro dela me contando que tava ficando com ele, lembro dela me contando que tava namorando, lembro dela me perguntando o que eu achava de ela casar. Eu achei ótimo. Ele é um

cara maravilhoso, eles se dão super bem, vivem numa sintonia super parecida. E ele me tratou como um pai o tempo inteiro.

Emanuele – Você era adolescente na época?

Daniel – Não, eu era criança, tinha sete anos. Então, muita coisa que era função do meu pai, por exemplo, andar de bicicleta, foi ele que me ensinou, sabe? O dever da escola, estudar pra prova... Coisas que, infelizmente, eu não podia estar com o meu pai, ele cumpriu essa função de uma forma maravilhosa. E eu vejo hoje, com os filhos dele, que não tem diferença nenhuma de como ele me tratava e de como ele trata os filhos dele.

Luar – E como é a relação com seus irmãos?

Daniel – É maravilhosa... O problema é que já faz três anos que eu tô em São Paulo, e, antes disso, já fazia cinco ou seis que eu tava aqui (*em Fortaleza*). Então, eu não pude conviver tanto quanto eu gostaria. Hoje, eu tenho um irmão de 16 anos que nasceu quando eu tinha dez, e tenho irmã de... (*pausa para lembrar*) Oito. Então, foram duas etapas completamente diferentes. Com a Varna, que é a mais nova, eu tive uma relação muito mais de babá... Hoje ela já é uma menininha, mas eu sempre vou ver ela como um bebê, porque, quando eu fui embora, ela era um bebê. Mas é um mundo muito particular. Quando eu vou pro Crato, as pessoas ficam com raiva de mim porque eu não saio de casa. Eu fico em casa (*enfático*), só vivendo a minha família. Porque é uma coisa tão boa, tão fora de qualquer outra coisa que eu vivo, das minhas outras realidades, que eu adoro vivenciar. Falo todo dia por MSN (*MSN Messenger é um programa de troca de mensagens instantâneas, que permite ao usuário conectado à Internet conversar em tempo real com seus contatos*) com eles; por telefone, às vezes; mas sempre tem um contato, troco idéia, dou conselhos.

Luar – Eles acham legal o Montage?

Daniel – Eles adoram. Meu irmão tem um álbum no Orkut, ele tem os ídolos dele, e, assim, no meio, tipo: Kurt Cobain (*guitarrista, compositor e vocalista da banda norte-americana de rock alternativo Nirvana. Falecido em 1994, é considerado internacionalmente um dos maiores artistas da década de 90*), aí Montage, Evanescence (*banda norte-americana de metal alternativo com vocal feminino, surgida em 1995*). Agora é uma coisa massa, até pra eles, eu acho. Eu fui muito tempo o louco da cidade, né? Só tinha eu de louco na cidade, e eu fiquei com essa má-fama por muito, muito tempo, justamente por eu sempre ter sido eu e nunca ter negado isso. E, hoje, a cidade já me vê também de outra forma. Então não é mais: (*voz de deboche*) "Olha, o irmão do

Alan, Bruno e Débora se perderam entre os bairros Papicu e Cidade 2000 até acharem a casa de Raquel Pessoa Cortez. A brasileira, amiga de Daniel desde 2002, tem um jeito manso de falar e ficou tímida para contar histórias dos primeiros tempos dele em Fortaleza.

Daniel. É: *(com orgulho)* "Olha, o irmão do Daniel". Então, de certa forma, tem essa coisa boa também. Mas a minha relação com todos eles, a minha família mesmo, eles dois, meus dois irmãos, é muito boa, sempre foi.

Lívia – Quando sua mãe engravidou, seu avô não aceitou muito bem, ela teve até que sair de casa...

Daniel – Sim.

Lívia – Em algum momento você se sentiu rejeitado? Como foi isso?

Daniel – Nunca. Isso é tão engraçado, porque é o que se fala, normalmente, pra uma caso como esse. Não sei, eu acho que eu recebi tanto amor quando eu nasci, que isso nunca foi... E engraçado, a gente voltou pro Crato, eles não se falavam e eu nunca... Não sei, eu fui uma criança muito amada, e até por ele mesmo, o meu avô. E também tem essa coisa de eu já ter essa consciência de quão importantes são os valores ou os falsos valores das pessoas que tavam lá. Eu nunca condenava, eu nunca condenei ele por conta disso, nem muito menos ela, lógico, porque eu entendo como é que é a cultura local, sabe, não é uma coisa que eu vá interferir, achando que ele é um escroto.

Débora – Daniel, quando você veio aqui pra Fortaleza, era com essa vontade de sair do Crato, essa agonia que você tinha?

Daniel – Era a capital mais próxima que eu tinha, e com uma estrutura que eu ia poder me virar inicialmente. Eu sabia que eu poderia vir morar com Vanessa, e a minha vida ia ser ok e que ela não ia me deixar faltar nada, porque tinha essa relação de mãe e filho, como sempre foi.

Alan – Mas depois você foi morar com o Gabriel, né?

Daniel – Ele que foi morar comigo *(risos)*! Isso, nessa época, eu já tinha o meu trabalho, e foi a velha história, que eu já bati nessa tecla várias vezes, das opções. Eu sabia que, saindo da casa da minha tia, eu ia não ter certas coisas, que eu ia morar só. Mas isso me estimulou a milhões de coisas; por exemplo, foi atra-

vés dessa história de morar só que eu fui atrás de emprego, quando eu conheci as pessoas que, de uma certa forma, me direcionaram. Quando eu saí de casa, que eu morava com a Vanessa, eu trabalhei na Disritmia *(loja e grife de roupas fundada em 1991, cuja sede fica na cidade de Betim, Minas Gerais)* do shopping Aldeota, fiquei um bom tempo lá. E, de lá, eu já saí direto pra TV União. E, nessa época, eu trabalhava num shopping, o Gabriel não trabalhava e morava conosco também esse Diego, que tá morando em São Paulo. E a gente passava dificuldades, mas era tão boa a nossa vida! Porque a gente tava vivendo o que a gente queria viver naquele momento, então talvez acordar e não ter um leite Ninho com Nescau, pra mim, não fosse tão importante, entende?

Débora – O que é que vocês queriam viver naquela época?

Daniel – A gente queria viver a nossa liberdade, conhecer coisas novas, poder sair de casa sem ter que dar satisfação. Aquela velha história, adolescente que quer virar adulto mesmo.

Alan – E vocês acham que conseguiram viver coisas novas?

Daniel – Com certeza, absoluta! Tanto, que a coisa foi tão forte, que é aquela velha história, voltando do Crato, se torna referência pra uma coisa já em Fortaleza. Todo mundo achava que a gente era doido, que a gente fazia festa dentro de casa, ouvia música, incomodava os vizinhos todos. Todo mundo falava que "meu Deus, esses meninos vão acabar na merda". Hoje, o Diego é formado em Cinema, pela mesma faculdade que o Almodóvar *(Pedro Almodóvar Caballero, cineasta espanhol nascido em 1949, famoso por seus filmes de estética visual marcante e fortes personagens femininos)*; o Gabriel é técnico em Computação, já tá fazendo uma outra faculdade; eu tenho a minha história. Tá todo mundo muito bem obrigado, entende? Então, é muito mais do que eu acho que você é, ou o que eu acho que você queira, do que o que, de fato, você

Ainda assim, Raquel revelou que Daniel ajudava a fazer e chegou a apresentar, entre 2002 e 2003, o show de calouros chamado Lama. O objetivo era mostrar a pior coisa que se pudesse. O produtor Ricardo Lisboa ganhou uma das edições com a encenação da abertura da novela *Barra de Aluguel*.



O outro amigo, Gabriel Morais, lembra quando conheceu Daniel em Canoa Quebrada, no Réveillon de 2001: "A gente sabia que ia ser amigo pra sempre". Os dois moraram juntos por vários anos em Fortaleza. Simpático, Gabriel só não falou mais porque teve de ir à aula.

Mas, antes de partir, Gabriel ainda teve tempo de contar um pouco da situação que deu origem ao hit *Ode to my pills*: ele e Daniel se encontravam em Juazeiro. "Aí a gente disse assim: 'Vamos ter a experiência de tomar Benflogin?' E foi muito péssimo".

é. Eu tenho certeza absoluta que as pessoas que moravam nesse prédio achavam que nós éramos uns loucos, drogados, e a nossa vida vivia em torno disso, de bebida, de festa, de música eletrônica. E não era, a gente tava dando início a tudo isso que a gente faz hoje, só que de uma forma livre, sem cobranças, sem os nossos pais, sem pedir ajuda aos nossos pais.

Alan – E quais são as situações dessa época que você lembra que foram mais marcantes?

Daniel – Como assim as situações? O que é que você quer saber exatamente? (*risos*)

Alan – As situações afetivas que você passou, não sei, momentos engraçados, interessantes?

Daniel – Cara, nessa época, foi assim. Em 2002, eu morei em cima da Casa do Frango (*rede cearense de restaurantes, casa de produtos importados, alimentos e bebidas em geral*), foi justamente nessa época em que eu trabalhava na Disritmia. Depois, eu aluguei um apartamento no mesmo prédio onde era o apartamento da Vanessa. Mais pra estar próximo dela mesmo... Enfim, a gente sempre teve essa ligação muito forte.

E, lógico, que com três adolescentes morando juntos... Depois, ainda chegou a Dani, que era uma menina... Olha a história, que louco: ela era uma menina que era *junkie* (*gíria em inglês para viciado em drogas*) e tinha decidido parar com tudo. E os pais dela não acreditavam mais nela. Os pais dela tinham grana, e ela queria estudar moda. Ela veio pra Fortaleza, porque Fortaleza, na época, era o único lugar onde tinha universidade pública de moda. E a gente conheceu essa menina no meio da rua, levou ela pra morar lá, justamente por conta desse preconceito que existia das pessoas, de ficarem rotulando as pessoas como "loucas" ou como "sem juízo", ou como... Foi, sem dúvida nenhuma, a melhor base que eu recebi pra tudo, porque eu acordava a hora que eu queria. Se eu quisesse comer, eu que tinha que preparar a minha comida; se eu quisesse sair, eu não tinha pra quem pedir dinheiro. Então, eu tinha que juntar o meu dinheiro pra fazer as coisas que eu

"No Crato eu nunca fiz tanta extravagância assim. Era mais a má-fama do que os atos em si."

Entre 2002 e 2003, Daniel fez um teste para VJ da TV União. O vídeo que ele mandou para a seleção o mostrava fazendo uma de suas tatuagens, na qual se lê "Dani-se / desde 1982". Na época, ele organizava o brechó Dani-se no Noise3D.

queria fazer. Se eu quisesse ir pra uma festa, eu tinha que comprar o ingresso, eu tinha que pagar a droga que eu ia tomar, eu tinha que pagar a cerveja que eu ia beber. Eu vivi pra mim e, numa espécie de comunidade mesmo, a gente ia se ajudando. E nós sempre fomos muito queridos por nossos amigos mais velhos, então, apesar de serem quatro jovens morando no mesmo lugar, a gente nunca tava só, tinha as pessoas, as outras pessoas que entravam e saíam e que, sabe, quando a gente achava que tava indo por um caminho que não era exatamente o mais coerente, as pessoas vinham e davam um toque.

Vivi muita coisa boa, foi o meu primeiro contato com a música eletrônica, foi a primeira vez que eu pude viajar e não dar notícia pra ninguém, passar três meses em viagem pelo Brasil e de caminhão, e as pessoas loucas atrás de mim. São coisas que quando meu filho vier a fazer, eu vou ficar doido (*risos*), mas assim, é um momento que as pessoas precisavam daquilo, de certa forma.

Henrique – Daniel, mas isso foi aqui em Fortaleza, lá...

Daniel – Isso em Fortaleza.

Henrique – Lá no Crato havia aquele grupo, que tinha o filho do prefeito, da Cajuína etc. E o que essa vida no Crato permitia de extravagância, por exemplo?

Daniel – Permitia de extravagância? No Crato eu nunca fiz tanta extravagância assim. Era mais a má-fama do que os atos em si (*risos*). Mas é sério, as pessoas achavam que eu era um *junkie*, lá eu nunca fui *junkie*, nunca fui assim... Experimentei várias drogas, mas eu nunca fui usuário delas no cotidiano. Mas é aquela velha história do estigma mesmo, sabe, as pessoas tinham escolhido a gente, por a gente ter essa liberdade, por a gente andar da forma que a gente é, fazer as nossas próprias festas, já que não tinham festas do que a gente queria ouvir. Sempre deram vários rótulos pra gente que não condiziam com a verdade. E essas pessoas todas foram embora, esses meus amigos. O Gabriel é do Crato, o Diego é do Crato, o Alexandre é do Crato, moravam aqui em Fortaleza também nessa época em que eu morava aqui. Então, teve muito disso: era mais o que as pessoas achavam que a gente era do que o que éramos de fato.

Livia – Daniel, você citou que incomodava os vizinhos, e uma dessas vezes você incomodou seu tio, o Daniel (*o tio mais novo de Daniel por parte de mãe tem o mesmo nome que ele*), como foi esse conflito, essa relação com ele?

Daniel – Não era que eu incomodava o meu tio, coitado (*risos*). Era assim: ele, além de ser meu tio, ele era o síndico do prédio.

Então, os outros moradores cobravam uma postura dele como tio e como síndico, entende? E tiveram tretas, a gente discutia, mas eram coisas super superficiais. E, hoje, maduramente, eu observo que ele tava só tentando cumprir a função que cabia a ele naquele momento. Era o barulho de madrugada que a gente fazia, batia copo, quebrava garrafa, chegava das festas, não ia dormir, ficava mais cinco horas, frescando dentro de casa, com mais dez pessoas. Domingo de manhã a pessoa queria ficar dormindo, e a gente tava ficando doido em casa. Então, é natural que ele viesse cobrar, e que aquilo viesse a causar atritos. E a gente tinha tido atritos antes também, mas sempre coisas muito superficiais e que foram todas superadas também.

Emanuele – Você citou seu filho, você vai ser pai. Eu queria saber, desde sempre você planejava ser pai, como foi essa história de ter um filho com a Regina?

Daniel – Planejava não, eu queria, mas daí a planejar é diferente. Eu conheço a Regina faz muito, muito tempo, eu também não quero falar tanto dela, porque ela tá muito avessa. O pessoal tá enchendo (*ênfase*) muito o saco da coitada. E o resumo do resumo do resumo, eu sempre quis ter filho, ela também. E eu fui uma pessoa que ela confiou pra essa função, e eu também. E a gente decidiu em comum acordo; eu nunca, na minha vida, ia transar, nem com uma mulher, nem com um homem, sem camisinha. Nunca! E também não ia viver um relacionamento hoje com uma mulher a ponto de querer formar uma família e ter um filho. Eu já sabia também que isso não ia acontecer. E a minha confiança foi tão grande, a gente se confia tanto – ela também é do Cariri, e a gente se conhece há muito tempo. E foi se criando um vínculo muito, muito grande, um vínculo afetivo, uma proteção, uma coisa de amizade muito bonita. Quando a gente começou a conversar sobre essa possibilidade, a gente viu que a gente tinha acabado de ter encontrado as pessoas certas pra aquele sonho que a gente tinha. Tanto que foi tudo muito rápido e muito prático também. A gente fez bateria de exame, pra ver se tava tudo ok com todo mundo.

Alan – O que você acha que, da relação com o seu pai, você vai levar para a relação com o seu filho?

Daniel – É, vai ter muito disso. Porque a gente sempre conviveu à distância, e eu já moro em outro lugar. Só que é engraçado, eu sempre vivi distante dele, mas eu nunca tive nenhuma dúvida de que ele me amava, porque, quando a gente tava junto, era sempre tão bom... E outra coisa, ele era muito inteligente, sempre me ensinava muitas coisas. Então, tinha essa coisa da referência paterna, que não

tava do meu lado no dia-a-dia, no cotidiano, mas que eu sabia que existia. A gente se falava ou ele vinha pro Ceará ou quando eu ia pra lá. Sempre era um universo completamente diferente do que eu vivia com a minha mãe. Então, eu vou tentar reproduzir isso de uma forma positiva também. Assim, eu pretendo estar mais perto do que ele esteve de mim... Mas eram outros fatores, eu sou tão consciente de tudo. A minha infância foi nos anos 1980, a gente tava vivendo uma crise econômica terrível, ele era (*ênfase*) muito mais novo do que eu, quando meus pais engravidaram. Meu pai e minha mãe, quando me fizeram, eles tinham 20 anos, eu já vou ter 27 quando meu filho nascer. Então, já é uma outra coisa, é muito mais maduro, por mais que sete anos pareçam pouco, mas lógico que já teve uma carga... E eu pretendo ficar mais perto, mas o carinho vai ser sentido sempre. Ele (*o pai de Daniel*) conseguia que esse amor chegasse até mim, eu vou fazer da mesma forma.

Alan – Você tava falando de maturidade, a ascensão do Montage foi muito rápida. Eu queria saber se você se sente preparado psicologicamente pra encarar a fama, toda essa carga.

Daniel – Olha, eu sempre quis, mas, quando começa, você fica um pouco assustado com algumas coisas. E você fica pensando em que direcionamento você vai dar à sua vida. E, ao mesmo tempo, eu sempre penso: foi uma escolha, eu já sabia que ia ser assim. E, cada vez que a coisa crescer mais, vai ser pior – o que as pessoas acham que é melhor, mas não é (*risos*).

Por exemplo, a decepção das pessoas quando elas te vêem em algum lugar e você não tá ali “Daniel Peixoto do Montage”. Tipo, eu já vi, a gente passando no aeroporto, eu e o Leco, e uma menina falando: “Meu Deus, como eles são feios!”. Sabe, o tititi? (*risos*). Porque, como eu tava falando, eu não tenho paciência pra estar montado (*gíria típica da cena GLBTT, quer dizer muito arrumado, cheio de adereços*) 24 horas por dia. Detesto! Pelo contrário, eu passo a semana inteira de barba, eu uso óculos de grau, assanhado, de havaiana (*marca paulista de chinelas de borracha*), com qualquer molambo. É tanta produção o tempo inteiro, que, quando eu tenho um tempo pra ficar fora disso... Em São Paulo, que é a meca, onde tudo acontece, você vai em uma padaria e tem uma pessoa apontando, falando uma coisa contigo. E tem situações e tem horas em que fica desagradável, mas eu sempre vejo como uma escolha, tô só pagando o preço das coisas. Eu sei que, se a coisa crescer, vai crescer mais e mais... Eu me protejo da forma que eu posso me proteger, que é cabível a mim. Mas, por exemplo, em uma

Leco Jucá divide os palcos do Montage com Daniel. Por telefone, ele contou que os dois se conheceram fazendo o curta Lola, da cearense Natércia Pontes. “Eu fazia câmera e direção de fotografia e o Daniel atuava. A Lola era o Daniel, que era o rapazmoça”.

Para entender melhor o meio da música independente, no qual o Montage tem brilho próprio, a equipe de produção convidou o jornalista especializado em crítica de música Luciano Almeida Filho. Ele é editor do núcleo de Cultura e Entretenimento do jornal O Povo.

O som do Montage se assemelha a bandas de quase trinta anos como Suicide (dupla que grava desde os anos 1970, considerada influenciadora do indie-rock) e Cabaret Voltaire (pertencente ao movimento industrial que investia nos ruídos).



festa, ou eu me excludo ou tenho que passar a noite cumprimentando pessoas, que sabem tudo da minha vida, e eu não sei nem o nome delas. E eu não consigo não ser educado com as pessoas, eu posso não ficar te dando confiança, ficar conversando uma hora, mas eu nunca destratei uma pessoa na minha vida, não existe esse registro de uma pessoa que tenha chegado assim pra mim, que eu tenha tratado mal ou algo do tipo.

Mas, ao mesmo tempo, existe um exagero das pessoas. Eu já tive que acionar a polícia, porque tinha um psicopata que descobriu onde eu morava, e ele ficava o tempo todo na porta da minha casa, esperando. E eu tive que tentar descobrir o nome do cara pra poder abrir um processo. Porque eu fiz umas fotos na cobertura da minha casa, e os prédios em volta são muito característicos. Eu falei que aquilo era a minha casa. E o cara se ligou, ele ia pro shopping onde eu almoço todo dia, ia todos os dias. E eu ficava observando de longe que aquele cara tava lá, mas ok. Teve um dia que ele pediu pra sentar na mesa. Eu deixei. Eu comendo, com ódio, assim (*faz barulho de flashes*) e o cara tirando foto. E eu de saco cheio. Eu tentei despistar ele pra ir pra casa; o cara descobriu onde eu morava e ficou um mês inteiro. Eu saía a qualquer hora do dia e ele tava lá. Eu tive que acionar a polícia. Sabe, isso é um exagero, que eu acho que não existe a necessidade, isso me dá medo. Mas nas demais situações, eu consigo administrar muito bem, porque eu dou uma de doido (*risos*). Tá tudo certo, não sou eu.

Alan – Você declarou também na comunidade do Orkut do Montage, que aconteceu de uma mulher apagar um cigarro na sua perna. Como foi isso?

Daniel – Foi, isso foi aqui. Não foi uma mulher, foi uma criança, tadinha, devia ter uns 15 anos.

Alan – Teve outras coisas violentas assim que aconteceram?

Daniel – Não, isso foi o ápice. Mas eu acho que foi tão massa (*risos*), porque o final do show foi tão apoteótico com ela. Eu peguei ela, botei ela em cima do palco, tinha uma legião de fãs. Eu comecei: “Bom, a gente vai xingar ela de quê?”. Eu segurando ela pelo pulso

(*risos*); ela louca, querendo saltar. E eu falei: “Gente, eu faço o quê? Eu apago o cigarro no olho ou no cu dela?”. Todo mundo: “Na boca, na boca!”. Eu peguei uma garrafa, fiz de conta que ia jogar nela; ela em pânico. Todo mundo gritando todos os xingamentos do mundo. Depois eu só fiz saltar a menina na platéia e ela saiu voando de dentro do Noise (*3D, boate que funcionou vizinho ao HeyHo Rock Bar, na Praia de Iracema, entre 2004 e 2007*). Foi um final apoteótico (*risos*). Teve gente que até achava que tinha sido combinado. Mas foi fato mesmo, ela veio e apagou um cigarro na minha perna. E tem os *haters* (*gíria em inglês que designa pessoas que são o oposto de fã, “odiadores”, em uma tradução livre*), vai ter sempre, tem que ter o contrapeso. Seria uma ilusão muito confortável da minha parte achar que todo mundo acha ótimo o que eu faço. Claro que não.

Bruno – Como você desenvolveu um gosto musical tão diferente do que rolava lá no Crato?

Daniel – As minhas referências musicais eram muito dos meus pais, do meu padrasto também. E, quando eu fui morar no Rio, que eu tive acesso à MTV (*rede americana de televisão dedicada ao público jovem, cuja filial brasileira está no ar desde 1990*), à Internet, eu comecei a procurar as coisas que eu gostava também. Então, por exemplo, como eu não tinha Internet no Crato, esse meu amigo de Juazeiro, o Alexandre, esse que é filho do dono da Cajuína, ele tinha aquele... eu não sei, acho que era DirecTV (*empresa norte-americana fundada em 1994 que transmite um sinal digital com canais de televisão para antenas parabólicas, em 2007 se fundiu com a maior empresa do ramo, a Sky*), que tem os canais de áudio. E ele gravava em VHS (*sigla para Video Home System ou Sistema de Vídeo Caseiro; idealizado pela empresa japonesa JVC em 1976, possibilitava a gravação e reprodução de áudio e vídeo em fitas de vídeo*) pra mim os canais de áudio, e eu ouvia no vídeo cassete, com o áudio da TV. Eram todas as possibilidades que existiam.

Eu importava catálogo e pedia os CDs importados. Eu passava meses juntando grana para pagar o frete do que vinha da Inglaterra ou de Berlin. E era essa a forma que eu tinha pra ter acesso às coisas que eu gostava. É tão louco... Uma das bandas que mais marcaram minha adolescência foi o *The Cardigans* (*banda sueca de indie pop, criada em 1992*), e a gente foi escolhido pela (*ênfase*) produção do *The Cardigans* pra abrir a turnê deles no Brasil, em 2006. E, quando eu contei isso pra Nina Persson, que é a vocalista, ela ficou tão emocionada! E eu fui explicar pra ela o que era o Nordeste, como era a realidade de lá.

O último entrevistado foi o inventivo produtor do Montage, Ricardo Lisboa. Saído dos bancos da UFC, o rapaz já havia participado de uma das edições da revista Entrevista. Isso facilitou, inclusive, o acesso a Daniel.

Primeiro, eu dei uma aula sobre o agreste a ela, pra depois fazer ela sentir a dimensão da importância daquele momento pra mim. Era o dia do aniversário dela, saí pra comprar um bolo, a mulher ficou desarmada na minha frente, sabe? Então é justamente isso que eu tava falando. A minha certeza era tão grande, que todas as coisas valiam a pena, porque eu sabia que um dia eu poderia usar isso a meu favor.

Débora – O que mais você escutava, além do Cardigans?

Daniel – Cardigans, Chemical Brothers (*dupla de música eletrônica fundada em 1993 no Reino Unido e composta por Tom Rowlands e Ed Simons*), David Bowie (*músico e ator britânico que iniciou sua carreira em 1969, conhecido como um dos principais representantes do glam rock, estilo musical de viés performático e cujos artistas possuíam visual andrógino*), ahn... Madonna (*a cantora mais bem-sucedida na história da música mundial, chamada de "Rainha do Pop" devido à longa carreira e influência na música internacional*)... Muito Heavy Metal (*estilo musical caracterizado pelas distorções sonoras, pelos solos de guitarra e pelas melodias complexas e marcantes*)! Slayer (*banda norte-americana de thrash metal fundada em 1981*), Metallica (*banda norte-americana de thrash metal fundada em 1981*), Sepultura (*banda brasileira de thrash metal fundada em 1983*), que são as referências do meu padrasto. Pantera (*banda norte-americana de groove metal fundada em 1981*), Iron Maiden (*banda inglesa de heavy metal melódico fundada em 1975*), Black Sabbath (*banda inglesa de heavy metal fundada em 1968*), Janis Joplin (*cantora e compositora norte-americana de blues, com influências do rock e do soul*), quê mais?

Henrique – E o Fagner (*cantor, compositor, instrumentista, ator e produtor cearense que iniciou sua carreira musical em 1971*)?

Livia – E a Joelma (*vocalista da Banda Calypso, formada no Pará em 1999. Lançada sem gravadora, a banda popularizou nacionalmente o ritmo calipso e atingiu recordes de venda e público*)?

Daniel – (*Refere-se a Fagner*) Isso aí já é outra coisa, é meu gosto mesmo, nunca ninguém me obrigou. (*Refere-se a Joelma*) Isso já é 2005 (*risos*)... Falando da infância... Fagner, o Ney (*Matogrosso*), essas pessoas, são coisas que eu já tinha ouvido, porque assim, adolescente pra criança que eu comecei a gostar mesmo, tipo Elis Regina (*cantora gaúcha de MPB que iniciou a carreira em 1961*). São alguns artistas da MPB que eu escutei, ouvi e me interessei, mas não era tanto assim. As minhas referências eram mais essas mesmo.

Débora – E, hoje em dia, o que é que mu-

dou em relação a essas referências?

Daniel – Essa história da Joelma, que ela (*Livia*) deve ter lido em algum lugar, é porque eu sempre falo isso. Eu acho ela fantástica, ela é a melhor performer *ever* (*"de todo o sempre", em português*), ela canta e dança duas horas, é foda! É a mesma coisa que eu faço (*risos*). Ela fica doida no palco, gritando e dançando, não tem como eu não gostar. É calipso (*ritmo brasileiro, de origem paraense, também conhecido como "brega pop", popularizado nacionalmente pela Banda Calypso*)? É calipso, mas ela é foda.

Eu fiz uma comunidade no Orkut que foi excluída – olha isso! – que era assim: Joelma para a capa da *Rolling Stone* (*revista mensal norte-americana dedicada à música, política e cultura popular fundada em 1967 e publicada no Brasil desde outubro de 2006*) (*risos*). Não é cultura pop? Ela é a mais pop de todas. Eu tive no Pará agora, há um mês, e eu não acreditei na dimensão que aquilo tem. Então, por que não citar, só porque as pessoas acham cafona? Ela é maravilhosa, adoro, é igual Fagner, que todo mundo... É, hoje ele tá meio brega mesmo! Mas as coisas do Fagner de 1970 e 1980 são obras-primas. Tenho vontade de fazer alguma coisa dentro do repertório do Fagner. Não agora, mas eu sempre tive vontade mesmo, ou de regravar uma música ou de humildemente convidar ele pra fazer uma faixa com a gente, não sei. Mas eu tenho vontade mesmo. Quando eu escuto, hoje não mais, mas as músicas do primeiro álbum eu acho todas (*enfático*) muito parecidas à minha impostação de voz; não que a minha voz pareça com a dele, mas a forma como ele canta, a intensidade, eu acho muito parecido. Toda vez que eu falo de referência, eu cito isso, porque realmente tem uma referência. As pessoas acham que eu to fazendo uma piadinha, mas... (*não*).

Emanuele – De onde é que vem essa referência do Fagner?

Daniel – Aqui é muito fácil, você morar no Ceará e ouvir Fagner. Então, comecei a ouvir e comecei a gostar. E, depois da digitalização da música, eu baixei e comecei a pegar coisas que eu nunca fiz nem idéia de que existiam, e passei a me encantar muito mais pela obra



A entrevista com Ricardo foi gravada na casa da vocalista da banda The Dancer, Nayra Costa, às nove da noite nos arredores do Papicu. Não fosse o carro do Alan, a equipe teria perdido esse encontro e a boa conversa que rendeu.

Alan e Bruno já ouviam Montage há meses e tinham até visto show em Fortaleza. Débora aguardava ansiosa uma nova apresentação. Roberta baixou algumas músicas para conhecer melhor a banda e entrou no clima de expectativa.

A reunião de pauta da produção ocupou mais de cinco horas de um domingo na casa do Alan. Só então o grupo se deu conta do trabalho para organizar a informação recolhida em dois meses. Após três dias de trabalho intenso, finalizaram a pauta. Rendeu 42 páginas.

dele.

Andréia – Daniel, pra destacar esse papel da Internet na produção de novas bandas, na divulgação, como é que você avalia essa perspectiva?

Daniel – Não teria conseguido nada, nada, nada. Ontem, eu dei uma entrevista pra amiga dele (*aponta para Edgel, referindo-se a Ícara Ferreira, repórter do jornal Diário do Nordeste, amiga do nosso colega*), e ela me fez a seguinte pergunta: o que você acha das bandas que, hoje, começam e vão por outros caminhos e não procuram a Internet? Eu falei: acho que essas bandas são muito burras! Porque qualquer pessoa pode ter um *blog* (*página na Internet em que o usuário pode publicar textos, fotos, vídeos e arquivos de áudio; geralmente, possui cunho pessoal ou de divulgação de projeto*), um Myspace (*site em que músicos disponibilizam material sobre seus projetos, inclusive músicas, e se relacionam com outros artistas*), um Orkut, e fazer daquilo o seu caminho de acesso até o seu trabalho.

A gente tem uma sorte muito grande, eu sempre coloco isso em pauta: o Montage começou no mesmo ano que o YouTube (*página na Internet em que usuários do mundo todo disponibilizam arquivos de vídeo*). E a gente já jogava as coisas desde o começo (*os vídeos na rede*). Assim, tinha pouquíssimos vídeos. Então a pessoa que digitasse eletro punk (*estilo musical que mistura elementos da música eletrônica com elementos do punk rock*) ou eletro rock (*estilo musical que mistura elementos da música eletrônica com elementos do rock*), em Berlin ou na puta que pariu, ele ia encontrar nossos vídeos lá. Então, isso deu uma dimensão muito, muito grande. E nosso primeiro ano, 2005, eu acho que a mídia foi toda pela Internet, fora a mídia local, *O Povo*, *Diário (do Nordeste)*, as TVs daqui, que, lógico, deram uma abertura fantástica. No resto do Brasil e mundo, só a Internet. E a coisa dá tão certo, deu tão certo, que ocorre o efeito contrário. Antigamente, as pessoas da mídia impressa, TV, rádio, essas coisas... A Internet pegava as coisas que eram pop nesses veícu-

"A gente tem uma sorte muito grande, eu sempre coloco isso em pauta: o Montage começou no mesmo ano que o YouTube."

O Montage veio a Fortaleza no final de outubro de 2008 para gravar o segundo disco. Por estar o dia inteiro em estúdio, ocupado com a gravação, Daniel não atendia ao celular para marcar a data da entrevista. Bruno ficou de plantão no bate-papo do MSN.

los para estar na Internet. E hoje é exatamente o oposto, a grande mídia quer as coisas que estão fazendo sucesso na Internet, porque em quinze dias você tem um milhão de acessos. Eu acho que é lógico que um programa de TV vai querer levar uma atração que não foi opcional: você não tava passando o controle, não, elas pararam (*ênfase*) e decidiram ver aquilo.

Andréia – E, mesmo com todo esse fenômeno da Internet, você hoje veio pra cá pra gravar o CD (*o Montage passou os meses de outubro e novembro de 2008 em Fortaleza, gravando seu segundo CD*). Qual a importância ainda desse material, de ter um CD material?

Daniel – É assim, eu falei sobre isso ontem com ela (*refere-se à repórter do jornal Diário do Nordeste*) também. É muito mais fácil, pra mim, conversar contigo, e tu tá no Japão, e eu tô aqui em Fortaleza, e eu digo assim: "Olhe, eu sei que você produz festival, então eu tô indo agora no correio mandar um Sedex (*serviço de entrega de encomendas ofertado pela Empresa de Correios e Telégrafos*) do meu disco pra ti". Ou então eu digo: "Ó, me dá o teu e-mail, que eu vou mandar um link. Tu baixa minhas treze músicas em quinze minutos". Então, a coisa do CD, pra mim, passou a ter uma desimportância tremenda. Só que o registro tem que ser feito, independente se ele for lançado como uma mídia, ou se ele vai ser lançado na Internet. Então, precisa, sim, da renovação do repertório. A gente tem três anos, tem um disco lançado, a gente tá dentro da meta, tá tudo ok, mas a gente quer apresentar uma nova cara e um novo repertório pro público, fazer com que a coisa se renove constantemente. Então, essa é a importância do disco, mesmo que ele exista, físico ou não, mas tem que haver.

Lívia – Daniel, falando um pouco agora da sexualidade, você se define como bissexual. Como foi essa descoberta?

Daniel – Eu me defino bissexual, porque eu já tive vários relacionamentos com mulheres, não tenho essa aversão normal à mulher que a maioria dos gays tem. Mas, nos últimos cinco, seis anos, eu vivi a minha vida gay intensamente, porque eu tinha um relacionamento e vivi nele muito tempo. Só que essa coisa dos rótulos, essa coisa de "se define como bissexual", eu nunca tinha falado isso na minha vida, eu acho. Mas eu fui dar uma entrevista pra *Folha (de São Paulo)*, que eles ficaram batendo muito, muito, muito nessa tecla. Eu não descarto a possibilidade de eu estar numa festa, achar uma mulher interessante e ficar, de forma nenhuma mesmo. E, eu não sei, natural, eu sempre soube.

Desde criança, adolescente, que eu achava

meninas legais, mas eu também achava meninos legais, me despertava. Eu ficava prestando atenção quando os meus amigos falavam de um homem bonito, de um garoto bonito da nossa idade, sempre com um despeito, como se aquilo fosse uma coisa negativa... E eu conseguia admirar a beleza de um cara, mesmo sem intuito sexual – lógico, uma criança –, mas eu conseguia achar aquele menino bonito, entende? Mas eu nunca tive cobrança de mim pra mim mesmo, nunca foi um problema na minha vida, nunca tive nenhum tipo de discussão interna: “Meu Deus, eu sou gay! Eu vou chorar por isso...”, nunca, nunca mesmo. Sempre foi uma coisa muito natural e eu apresentava as minhas namoradas e os meus namorados em casa da mesma forma, tudo muito ok.

Edgel – E a família entendia?

Daniel – É aquela velha história... Eu nunca dei muita importância pra família, eu me importava com a minha mãe e com o meu pai, sabe, que eram as pessoas que, de fato, importavam. E tiveram horas que o que é que eles podiam fazer? Nada. Era melhor aceitar do que eu tá vivendo uma vida de brigas e de conflito, por conta de uma coisa que, pra eles... Eu cresci no meio de um monte de homossexual. Eu sabia que aquelas pessoas eram o que as pessoas chamavam na rua de veados. Como era que eu podia, na minha cabeça, ver que eles poderiam repugnar alguma coisa que eu via que era natural? A casa do meu pai era cheia de gay, a casa da minha mãe também, sapatão, todo mundo, sabe? Sempre de uma forma muito ok.

Andréia – Como é que você vê essas rotulações, por exemplo, na música, na sua música, que você faz? De tentarem colocar dentro, por exemplo, de um estilo que seria uma música gay?

Daniel – Tem dois segmentos que fazem isso acontecer: tem as pessoas que são muito inteligentes e sabem que as pessoas talvez entendam melhor o que é a história se elas utilizarem esses termos e tem as pessoas que são o oposto delas, que são completas idiotas, que conseguem botar sexo na música: “A música homem, a música mulher e essa daqui é a música gay”. (risos) Não faz sentido! Não é uma banda gay, porque a banda são os dois e tem um hétero e um gay. Então, já fica complicado. Porque, se eu te falar aqui: “A banda Montage é uma banda hétero porque o Leco é hétero”. “Não, a banda Montage é uma banda gay porque você é gay!” É injusto, não é, não? Tanto comigo, quanto com ele, quanto com a nossa música. As pessoas, às vezes, elas cobram algum ativismo em militâncias dessa natureza e eu prefiro fazer a minha militância de uma outra forma, sabe? Eu canto

de vestido, maquiado num palco. Aquilo ali já é um protesto, de uma certa forma. Eu já consigo passar minha mensagem muito mais do que eu tá em cima de um carro, com uma bandeira de arco-íris, gritando. É um outro caminho, completamente diferente. Então, eu já acho rótulo péssimo, não só com questões de sexualidade. Tudo o que te limita a uma coisa, pra mim, já é desinteressante, porque eu nunca fui de fazer uma coisa só, nunca tive fazendo uma coisa só. Sempre tive várias possibilidades. Então, você dizer: “Ah, o Montage é uma banda de eletro punk (*estilo musical que mistura elementos da música eletrônica com elementos do punk rock*)”. Não, o Montage é uma banda de eletro punk, de trip hop (*música eletrônica com batidas lentas, aliadas a instrumentos convencionais e acústicos*), de funk (*estilo musical dançante de origem norte-americana, que sofreu adaptações nos bailes dos morros cariocas, possui uma sonoridade sincopada e utiliza-se de elementos da música eletrônica*) e do que a gente quiser. É igualzinho com o sexo.

Débora – E, Daniel, você disse que viveu intensamente um relacionamento de cinco anos e tal, mais longo... Você já tinha tido um namoro longo antes?

Daniel – Tinha. Eu tive pouquíssimas relações na minha vida, porque todas foram muito duradouras. E eu acho isso ótimo, o difícil é acabar. (risos) Mas eu sempre namorei muito, muito, muito tempo. Um ano e meio, dois anos, (pausa) dois anos e meio... Quando não chegou a serem anos, mas eram relacionamentos de seis meses, oito meses... Eu considero um bom tempo, né?

Débora – E como é que foi que terminou esse último relacionamento?

Daniel – Foi distância. Eu fui embora pra São Paulo em março de 2006 e a gente ainda conseguiu ficar dois anos à distância, que é muito, muito tempo. Então, porque tinha essa vontade de estar junto. Só que eu comecei a me achar muito, muito egoísta, nesse sentido. Porque eu tava exposto, todo mundo sabia quem eu era, nos lugares onde eu chegava. Toda semana, eu viajo pra um lugar diferente e as pessoas já sabem onde eu tô, que é que eu sou, o que é que podem fazer pra me agra-



Numa das conversas via MSN, Bruno comentou com Daniel que a equipe também havia entrevistado o cantor Ney Matogrosso. Daniel disse ser fã do artista e ter conversado com a filha dele em São Paulo, que lhe contou que Ney também teria simpatia por ele.

Até confirmar data e hora da entrevista, a equipe viveu duas semanas de indefinição. Houve dois adiamentos, o que perturbou os nervos dos entrevistadores. A captação ocorreu oito dias após a previsão inicial.

O professor Ronaldo Salgado revelou, na reunião de pauta com a turma, que era amigo da mãe de Daniel, Valéria Peixoto, desde a juventude no Crato. Só então a turma descobriu também que Ricardo e o ex-guitarrista da banda Patrick Bachí passaram pelo curso de Comunicação.

dar, então, já era metade do caminho andado. E, ao mesmo tempo, a pessoa que tava do outro lado morando aqui, com um emprego fixo, estudando. Então, não tinha uma vida muito cheia de possibilidades como a minha tinha, sabe? E acabou que eu precisei viver outras coisas e ele também. Foi uma coisa muito honesta. Eu sofri bastante, mas, ao mesmo tempo, eu tinha a certeza de que... Que amor é esse que a pessoa não pode ficar com quem gosta, né?

Débora – Vocês se conheceram antes do Montage, né?

Daniel – Sim.

Débora – Como é que é hoje em dia, com o Montage, pra você ter um relacionamento? Muda alguma coisa quando você vai se relacionar com as pessoas?

Daniel – Muda. É muito complicado mesmo! Eu tenho um problema comigo que eu ainda não consegui superar, que é dividir as pessoas que eu acredito que me conheçam e queiram estar do meu lado porque elas me acham legal e aquelas pessoas que querem tirar alguma coisa de mim. E eu sofro muito com isso, muito mesmo. É dos sabores dessa coisa toda que eu me propus. Só que, com o tempo, você começa a perceber, quando você convive, a separar o joio do trigo. Eu nunca consegui me jogar numa relação depois do Montage, ao ponto de confiar de cara.

Esse último namorado que eu tive, eu conheci ele num dia e a gente começou a namorar no mesmo dia. E ficamos cinco anos. Hoje, eu jamais faria isso, jamais mesmo! Eu fico supernoiado (*gíria que, neste caso, quer dizer "paranóico"*), sabe, eu tenho que conhecer milhões de pessoas que as mesmas pessoas que eu me envolvo conheçam também essas pessoas e, no convívio, o que essas pessoas fazem... Porque eu sou completamente noiado.

Emanuele – Mas noiado com o quê?

Daniel – Noiado de saber se você quer tá na minha companhia porque você gosta de mim, ou se você quer tá na minha companhia

“E é muito difícil manter uma relação comigo, porque eu tô sempre fora, eu tô sempre viajando, eu nunca deixei de priorizar o meu trabalho.”

Antes da reunião de pauta, Edgel encontrou Daniel quando cobria um evento de moda na cidade. Preocupado com a marcação da entrevista, Edgel o abordou e disse que fazia parte do time de entrevistadores. O jeito simpático e caloroso do artista impressionou nosso colega.

porque eu sou o Daniel do Montage, porque você vai entrar de graça comigo na festa, porque você vai beber de graça, porque vai ter alguém pra lhe buscar, essas coisas. É nóia de gente que convive muito com isso, porque eu sinto mesmo, eu sei que existem essas pessoas. E elas são 80%, assim, principalmente em São Paulo é muito forte.

Lá em São Paulo, você só acontece, você só tem algum valor se você é alguém na cena que você escolheu estar. E isso é muito forte lá, muito mais que aqui. Aqui, não, porque eu tenho as pessoas que eu também já conheço antes da banda e das quais nunca me separei. Mas, lá, que são as pessoas que já me conheceram fazendo isso, é muito complicado, é muito escroto! Eu não consigo mesmo ficar próximo logo de alguém e confiar nele, se eu não tiver um equilíbrio, vamos dizer assim. E eu vou conhecendo pessoas interessantes, mas vou medindo.

E é muito difícil manter uma relação comigo, porque eu tô sempre fora, eu tô sempre viajando, eu nunca deixei de priorizar o meu trabalho por nada na minha vida. Quando eu acabei esse relacionamento, eu pensei muito nisso, porque foi uma escolha que eu fiz. E eu fiquei pensando: “Meu Deus, será se eu voltasse no tempo, faria a mesma escolha hoje, sabendo que o que acabou o meu relacionamento, que era tão ótimo, foi isso?” E eu não me arrependo. Eu teria feito tudo de novo. E eu não vou começar uma coisa que eu sei que vai me desestruturar daqui a pouco porque eu não vou tá do seu lado na hora que você quiser e você não vai tá comigo porque... É complicado mesmo. Eu tava falando hoje com a minha mãe sobre isso – muito engraçado, escolher esse tema: “Mãe, eu tenho que namorar ou com o Leco ou com o Ricardo” (*risos*). Mas não vai dar!

Livia – Já que você falou do Leco e do Ricardo, como é essa relação entre vocês? Vocês estão sempre tão juntos, tão próximos... Como é que vocês lidam com a distância da família e a proximidade?

Daniel – É um outro casamento. É muito complicado isso. Quando a gente foi embora daqui, a gente escolheu que não íamos morar juntos, já por conta desse convívio que a gente ia ter que ter obrigatoriamente. Então, o que a gente fez? A gente alugou casas, cada um alugou uma casa, todos perto. E virou uma comunidade do Ceará que não tem tamanho (*risos*). Todo mundo foi morar nesse mesmo trecho que a gente mora. Então, tem 15, 20 amigos nossos que moram num raio de 500 metros, todo mundo junto.

E a gente se dá muito bem. É uma coisa que é inexplicável. O Ricardo, não, porque a coisa de ele ser produtor, eu tenho que fazer

exigências e cobranças, que, às vezes, eu tenho que ser ríspido. Mas, com o Leco, que é só coisa artística... Olha, nunca, nunca, nunca na minha vida eu briguei com o Leco. Nem de alterar a voz assim (*eleva o tom de voz*), falar mais alto com ele. A gente sempre se entendeu, nunca houve um desentendimento, a gente se protege, o Leco cuida de mim como se fosse um pai, sabe, dá uma assistência que é de família mesmo. E com o Ricardo também, da mesma forma, a gente tem uma ligação.

A gente escolheu viver isso juntos e já ultrapassou uma barreira que a gente já sabia o que esperar. Nós nos conhecemos muito mais profundamente, porque essa coisa do dia-a-dia, de a gente passar um mês morando dentro de uma mala, todo dia num quarto de hotel diferente juntos... Você acaba virando cúmplice daquela pessoa e sabendo o que ela gosta, o que ela não gosta, o que ela quer, o que ela não quer... E tem dado certo. É uma boa química, isso eu acho muito importante também. Tem a química – primeiro foi profissional e, hoje, já os amo, assim, de uma forma como se eles fossem membros da minha família e, de fato, são. Eu me (*ênfase*) importo com o Ricardo e me importo com o Leco de uma forma igual como eu me importo com um irmão, enfim.

Alan – Foi essa química que fez o processo de composição da banda, meio caótico, funcionar tão bem?

Daniel – Olha, eu não tô me lembrando desse caos. (*risos*)

Bruno – Vocês nunca ensaiavam, era tudo muito de improviso...

Daniel – Ah, sim, exatamente. A gente começou o show, eu já enchia o saco do Leco, ó... (*estala os dedos*) Há muito tempo. Ele tinha uma banda de trip hop que existe até hoje, que é o Quarto das Cinzas, que virou o Jardim das Horas (*banda que surgiu em Fortaleza como O Quarto das Cinzas, em 2003, fazendo um som eletrônico e experimental com uma proposta cênica elaborada. Leco Jucá foi um dos fundadores*). Eu fiquei encantado com as composições dele, eu sabia que ele era um gênio. Só que, como ele tinha a banda, eu nunca tinha proposto: “Leco, vamo fazer uma banda”, porque eu sabia que talvez aquilo fosse interferir na banda que já existia. Eu falei: “Leco, faz umas músicas pra mim, me dá, que eu lanço como eu sozinho”, eu tinha necessidade de fazer isso. E as letras do primeiro disco eu já tinha quase todas. E ele: “Vou fazer, vou fazer, vou fazer...” Quando o Ricardo marcou o show, o Montage, o primeiro, em janeiro de 2005, que eu fui ouvir as músicas dele, sem nunca ter ouvido, caiu tudo. Eu tinha um bloco de notas: “Olha, essa é dessa, essa é dessa e essa é dessa... Amanhã a gente

começa.” Fez o show e deu tudo certo. Então, pra gente, foi muito mais natural, porque ele já tinha as músicas, a gente só fez aperfeiçoar essas músicas do primeiro álbum.

E o segundo foi muito mais fácil, por conta dessa afinidade já existir, ser muito forte e, do principal de tudo, que, hoje, eu entendo exatamente o que o Leco quer passar e ele entende também o que eu quero. Então, é muito mais fácil trabalhar isso, de casar a minha voz numa melodia numa composição dele. E, hoje, eu já faço coisas que eu não fazia antes: “Olha, eu não gosto desse baixo (*instrumento musical de cordas que pode ser elétrico ou acústico*) aqui, vamos tirar e vamos botar esse”. Porque existe essa possibilidade de diálogo, sabe? Que é complicado e é por isso que as outras bandas acabam, porque elas não conseguem mais ter um entendimento do que é a proposta musical ou visual, enfim, do que se quer passar, e as coisas começam a ir pra lados diferentes. E a gente, não, a gente tá sempre junto e cada vez mais junto.

Lívia – Daniel, por conta da moda e da música, você sempre teve uma relação muito íntima com a mídia. Como é essa relação, hoje, da mídia com a banda de vocês? Tem uma boa aceitação às críticas?

Daniel – Eu já li muitas coisas lindas, emocionantes; poderia acabar tudo hoje (*ele se refere ao fim da banda*), que, pra mim, já tinha valido a pena. E já li coisas desagradáveis. As coisas ruins que eu leio a respeito normalmente são de *blogs*, de pessoas que não têm uma, como eu posso dizer, uma importância mesmo. São mais *haters* do que alguém preocupado em passar uma informação precisa sobre aquilo.

Assim, eu posso falar, sem nenhuma falsa modéstia, que os veículos que realmente me importam, todos falam muito bem. Tipo: a gente foi eleito dois anos seguidos O Melhor Show, pela *Folha* (*de São Paulo*); as matérias publicadas na *Rolling Stone*, na revista *Bizz* (*revista brasileira dedicada à música e à cultura pop fundada em 1985*), e no *The Guardian* (*jornal de grande repercussão internacional*), da Inglaterra. Todo mundo fala bem. Então, assim, acredito que as pessoas gostam. Porque, ao mesmo tempo que eu vejo, sobre outras coisas, o quanto as pessoas são cruéis quando elas querem ser cruéis... O que eu procuro é ter uma relação muito flexível com os jornalistas. Porque ao mesmo tempo que vocês (*olha para a turma, rindo*) podem fazer coisas maravilhosas, podem fazer o oposto também, como já teve milhões de casos – se eu for começar a citar, a gente passa dez dias aqui.

Eu sempre tenho uma relação muito... Eu tento trazer a pessoa o mais próximo, mas eu só permito até onde eu acho que é bacana. E

A equipe de produção foi ao show do Montage no encerramento da Bienal de Dança De Par em Par, na antiga Alfândega, na Praia de Iracema. Como espectadores, a equipe cantou e dançou todas as músicas. A aproximação como entrevistadores é que foi difícil no final: ficaram bem tímidos, como fãs.

O outro show dessa temporada em Fortaleza, no HeyHo Rock Bar, foi o momento da comemoração pela realização da entrevista. Roberta, que estava cansada após a semana cheia e com a promessa de um sábado longo de compromissos, foi a única da produção que não pôde ir.

A entrevista aconteceu no estúdio de TV do curso de Comunicação. O lugar tinha excelente acústica para a captação, mas o ar-condicionado forte incomodou alguns. Roberta e Luar, além da tensão natural, tiveram de enfrentar o desconforto do frio intenso.

tem dado certo. Os jornalistas lá de São Paulo, de outros lugares, que fazem matérias com a gente, a maioria vira amigos, o que facilita ainda mais o nosso acesso àqueles veículos. Você acaba tendo essas pessoas como aliadas também, porque, em problemas maiores, como foi o caso da minha deportação em Londres, eu pude contar, sem precisar pedir a ninguém, com o apoio de todos os veículos que já tinham feito alguma matéria ou alguma coisa com a gente antes. Vai se criando essa corrente mesmo. Pelo menos inimigo eu não virei, de nenhum, até hoje (*risos*). Só de uma, aqui. Eu não virei inimigo, mas que eu odeio muito, porque eu dei uma entrevista, ela pegou a entrevista, a minha entrevista, e fatiou inteira. Fez uma outra entrevista para uma outra pessoa, como se eu tivesse dado entrevista sobre aquele tema. E eu tinha dado entrevista sobre o disco. Então, essa pessoa era uma amiga minha antes de tudo. E eu limei da minha vida. Mas foi o único caso até hoje.

Andréia – Sobre esse incidente que houve em Londres, houve alguma coisa que fez você repensar a carreira? Qual foi o sentimento que você teve a partir desse momento?

Daniel – Quando eu tava lá, eu pensei em tudo que você puder imaginar. Em parar, em desistir, em como eu ia voltar, em suicídio, em tudo. Porque eu não sabia o que tava acontecendo, eu passei vinte horas sem informação nenhuma, trancado numa sala desse tamanho, sem nada. Sem cama, sem cobertor, sem nada. Então, eu não sabia o que ia acontecer comigo, eu não sabia o que estava acontecendo. Depois de vinte horas, que eu consegui falar com a minha mãe, ela me disse que tinha conseguido uma lista – e esse documento tá com ela até hoje – com o nome dos apreendidos pela imigração inglesa. Meu nome não tava lá. Fiquei mais desesperado ainda, eles poderiam me matar, me jogar... (*bate as mãos, fazendo gesto de que não se importa*) “Não tem Daniel nenhum aqui”.

Então, passou tudo. Mas, quando eu voltei, foi um bombardeio tão grande de carinho, mesmo das pessoas... Tinha pessoas que faziam questão de dizer isso: “Olha, eu não gosto do que você faz, mas eu tô supersensibilizado com o que aconteceu e vim prestar

minha solidariedade”. De todas as partes, de todas as pessoas. O carinho do público três vezes redobrado.

E eu tinha gastado uma fortuna nessa época, como investimento dessa viagem, e eu voltei sem um real. O Leco tinha entrado. E eu iria ficar duas ou três semanas em São Paulo sem shows – porque nossa agenda tava toda pra Europa –, de bobeira. Eu não conseguia sair pra uma padaria, que as pessoas vinham ficar enchendo o saco, perguntando sobre isso. E os meus amigos daqui fizeram uma vaquinha, me trouxeram pra Fortaleza, pra fugir mesmo. Fiquei três semanas. Porque eu não conseguia mesmo. Era tanto carinho (*risos*), que já tava virando uma coisa meio que não tinha outro tema. Qualquer pessoa que me encontrava na rua, obviamente, era sobre isso que se falava.

Luar – E esse fato, em que ele foi produtivo e em que foi negativo para a sua carreira?

Daniel – Cara, eu acho que não foi produtivo em nada, porque foi só... Um investimento altíssimo que eu tinha feito de quase dois anos juntando dinheiro, que eu perdi inteiro, porque, além dos bilhetes, eu tinha comprado os trechos aéreos dentro (*da Europa*), tinha pagado os hotéis. Não era uma turnê que alguém estava levando o Montage para Europa, era uma turnê que o Montage estava indo se mostrar na Europa – como a gente fez, indo pra São Paulo e pro Rio. E uma parte positiva que eu posso ver nisso tudo seria a mídia que teve lá. Aqui não mudou em nada pra mim porque, todos os locais que foram noticiados, eu já tinha estado naqueles lugares por alguma coisa bacana que minha banda tinha feito. Então, não vejo nada assim. Dá uma notícia ruim, e você fica: “Ah, mas toda mídia é bacana”. Só que tem horas que a mídia é bacana, mas você não está disposto a vender a sua dor como um produto de divulgação. E foi o que aconteceu nessa época. A coisa repercutiu lá e é o que eu falo: estão só esperando a gente chegar, pra coisa continuar exatamente de onde parou. Só que aqui tá tudo tão bacana, tá tudo tão dando certo, que a gente já fez viagens pra vários outros países, sem ter o problema que a gente teve, que por mim tá tudo bem. Éramos pra ir agora em outubro (*pra Europa*) e acabou que a gente decidiu não ir, por causa do disco, e priorizar as coisas que estão fazendo a gente trabalhar aqui dentro.

Andréia – Você fala que houve um carinho, até exacerbado, depois desse incidente. Mas como é que você lida com esse carinho que depois pode ter mudado? Ou não?

Daniel – Não, não. As pessoas ficaram querendo mostrar que eu não estava só, sabe? Que elas estavam do meu lado dentro da bizarrice toda que aconteceu. Isso foi

Daniel estava mais rouco do que o habitual. Era o efeito do show na Bienal, que terminou antes do previsto porque o som estava abafado e Daniel se esforçava muito para cantar mais alto. Nos primeiros trinta minutos de entrevista, Daniel tossiu 15 vezes.



massa, porque eu pude ver que os meus aliados realmente existem mesmo. Mas depois é aquela velha história: quem é que lembra mais de Isabela que caiu da janela (*Daniel se refere ao assassinato da menina Isabella Nardoni, de quatro anos, ocorrido em São Paulo em março de 2008, crime do qual os acusados são o pai e a madrasta. O caso teve intensa repercussão na mídia e gerou grande comoção*)? As coisas passam mesmo. E você tem que estar dando notícias novas. Esse é o lance. Então, essa coisa da deportação eu já nem falo mais. Se falam isso em entrevista, eu falo: "Gente, joga no Google (*site de busca mais popular em todo o mundo*). Tem a versão da *Folha*, da *Globo*, de todos os jornais". Eu tô falando com vocês aqui, porque a gente tá falando sobre tudo e eu me propus a isso, mas numa entrevista prum jornal, pra TV, eu mesmo não tenho paciência. Eu digo: "Pula, vamos logo pra próxima".

Andréia – Então, vamos pular pra próxima. (*risos*) Você falou de uma projeção que vocês estavam procurando, fizeram um grande investimento pra ir à Europa; e eu queria te perguntar mais no sentido do próprio cenário musical, porque existe de alguns estilos musicais terem de se lançar por si mesmos, de ter que fazer esse investimento, de investir alto pra conseguir um espaço; e outros terem um apadrinhamento, que já é de conhecimento público, e não precisar disso. Você acha que falta alguma coesão, um movimento de valorização de bandas no cenário alternativo para não ter esse investimento e ter quem olhe, quem invista?

Daniel – Eu acho assim: eu sempre tive a consciência – eu falo por mim e pelo Montage –, eu sempre tive a consciência que o que eu prego, o que eu canto, o que eu faço não é comercial ao ponto... É pop até um limite. Por exemplo, a coisa do apadrinhamento seria importante e a gente de uma certa forma teve, porque o nosso primeiro disco foi lançado pelo Dudu Marote, que é o produtor do Pato Fu, do Skank (*bandas de pop-rock mineiras*). Só que eu sei o que eu canto, eu sei o que eu prego, eu sei que eu não posso estar três da tarde num programa de TV da Globo porque o nome do meu disco é *I Trust My Dealer* ("eu confio no meu traficante", em livre tradução para o português). E o meu single é o nome de trezentos remédios.

Nunca tive essa pretensão de achar que ia ficar pop, mesmo com um apadrinhamento, se fosse por alguém. Porque as pessoas, elas têm esse bloqueio hipócrita que eu nunca vislumbrei nada em cima disso mesmo. Eu nunca esperei por ninguém também. Eu sempre achei que as minhas coisas só iam acontecer se eu fizesse elas acontecerem. Esse sonho



antigo de alguém bater na minha porta e me chamar pra gravar um disco, nunca contei com isso mesmo. E eu sabia que precisava investir. E todos os investimentos que eu fiz, eu recebi o retorno. Pra mim, é uma coisa natural. Maravilha que tivesse um Diplo (*célebre DJ britânico de eletro rock*), que me levasse pra fazer a turnê com Ladytron (*banda inglesa de eletro pop formada em 1998 por Reuben Wu, Daniel Hunt, Mira Aroyo e Helen Marnie*) como foi com Cansei de Ser Sexy (*banda brasileira de eletro rock formada por Lovefoxxx, Luiza Sá, Ana Rezende, Carol Parra e Adriano Cintra, atualmente residem na Inglaterra e fazem shows por toda a Europa*) e o Bonde do Rolê (*também residindo e fazendo shows na Europa, foi formada em 2005 por Rodrigo Gorky, Pedro D'Eyrot, Ana Bernardino e Laura Taylor*). Mas, se não tem, vou fazer com que as pessoas que conheceram eles me conheçam de outra forma.

Eu acho que cada pessoa direciona sua carreira pra onde ela quer chegar. Eu acho que, para nós, sem vínculo com nenhuma grande gravadora, sem ser queridinho de nenhuma emissora de TV aberta, a gente conseguiu fazer coisas que... Pode me mostrar qual é a outra banda que conseguiu. A gente tem méritos que eu acho que eles só existem por conta do esforço e do nosso trabalho. Todas as coisas muito bacanas que a gente fez foi porque a gente trabalhou para que elas acontecessem, por essa certeza de saber que não tinha ninguém por nós. Éramos nós por nós mesmos.

Débora – Em 2005, quando o Montage surgiu, apareceram outras bandas... Telerama (*banda cearense de indie rock com vocal feminino*), October Leaves (*banda cearense de rock, influenciada por bandas como a inglesa Radiohead e a norte-americana Sonic Youth*), Plastique Noir (*banda cearense de pós-punk, com influências do estilo gótico*), que tão aqui e têm uma certa projeção no cenário daqui, já foram pra fora...

Daniel – É tão engraçado, eu morava com o Airtón (*Nepomuceno*), do Plastique Noir, assim que o Montage começou, em 2005. Eu morava, na verdade, com a namorada dele, e a namorada dele tava indo embora pra Paris.

Segundo a amiga Raquel, Daniel está ficando mais rouco. "Acho que vem do estrago de noites sem dormir, cantar e tomar gelado, fumar. A voz dele nunca foi muito fina, sempre foi mais puxada para o rouco", conta ela.

O cantor foi trazido à UFC por Alan, Bruno e Débora. Vinha de botas de plataforma e cano alto, bermuda preta e camiseta também preta com a estampa da banda Ramones. Nas mãos, tinha apenas um isqueiro verde. E nenhuma maquiagem no rosto.

O estúdio tem uma parede verde para o chroma key, uma técnica de vídeo em que se inserem imagens sobre um fundo de cor uniforme, e Daniel se mostrou interessado em utilizar o espaço para fazer algum dos vídeo-clipes do Montage.

Ele ficou um tempo lá e, depois que ela foi embora, ele continuou com a gente. E foi o começo das duas bandas, somos bandas amigas. Telerama eu já sabia que existia: eu acho que talvez antes do Montage, mas eu nunca fui muito conhecedor do Telerama. Eu vim conhecer mais depois que eles já tinham conseguido alguma notoriedade também e tal. Mas eu nem lembro qual era a pergunta...

Débora – Por que você acha que apareceram tantas bandas em 2005?

Daniel – Engraçado, as bandas dos últimos cinco ou dez anos em Fortaleza, as que tiveram uma notoriedade fora do Ceará: foram todas bandas que trabalham música eletrônica. Foi o Cidadão Instigado (*banda de indie rock formada em 1999 em Fortaleza, que recebe influências do rock dos anos 1970 e da música brega*), depois a Karine Alexandrino, depois o Montage, o Jardim das Horas – que era o Quarto das Cinzas – e depois o Plastique Noir. Então, acaba que é uma galera do mesmo núcleo, por mais que sejam sonoridades completamente diferentes umas das outras, mas tem essa característica que nos une.

E eu acho massa, porque tem bandas muito boas em Fortaleza. Eu queria muito que o Kohbaia (*banda fundada em 1997, influenciada pelo punk rock e pelo rock das décadas de 1960 a 1980*) estourasse, que é uma banda que eu adoro, o Red Run (*banda de rock alternativo formada em 2005*) também é uma banda muito boa, os meninos do Plastique Noir também já estão aí, não precisam de mais nada. Que mais? Bandas legais... O Garfo (*trio que toca rock instrumental fundado em 2007*) é muito bom, tem uma outra banda que eu tava ouvindo, descobri esses dias, que é aqui de Fortaleza, deixa eu lembrar o nome... Ai, meu Deus! Enfim, o Fossil (*banda fundada em 2004, realiza experimentações com música instrumental*) é genial também, The Dancer (*duo composto por Nayra Costa e David Brasileiro: fundado em 2007*), que é uma banda nova de música eletrônica, que segue os mesmos moldes da gente e que também são as pessoas que trabalham com a gente, a Nayra (Costa) faz os nossos *backing vocals* (*vocais de apoio*), o David (Brasileiro) toca guitarra com a gente. Então, é a mesma galera. Mas eu acho que poderia ser mais bem difundido.

O problema é que a música eletrônica – o problema, não, a solução – é que a música eletrônica nos dá uma possibilidade muito maior de tocar do que pra uma banda que tem que montar uma bateria numa boate – é foda, né? E a gente, não, a gente liga os nossos computadores ali, se der guitarra, massa, se não der, a gente usa nossas guitarras sampleadas, e o show acontece da mesma forma. Então, é muito mais fácil. Mas, sempre que dá, eu sem-

pre tento arrastar, porque... Mafalda Morfina (*banda de pop rock fundada em 2004*)! Essa era a banda que eu tava tentando lembrar, que é até de uma amiga minha e eu nem sabia que ela tocava nessa banda, que é a Carla (Keyse).

Débora – Qual a abertura que existe aqui, no Ceará, em Fortaleza, pra essas bandas novas? Qual o espaço?

Daniel – É muito difícil, né? Muito, muito, muito complexo, porque não existe um clube de rock. Qual é o clube de rock de Fortaleza? O HeyHo (*Rock Bar; inaugurado em 2003, funciona nos arredores do Centro Dragão do Mar de Arte e Cultura, no bairro da Praia de Iracema*), que não é um clube que funcione quinta, sexta, sábado e domingo. Existem eventos nesse lugar. Tinha o Noise, que, infelizmente, fechou. Mas não tem uma coisa que faça movimentar essa cena, que é tão latejante.

Então, o que é que acontece? Quem quiser construir alguma coisa tem que sair fora, que foi o que a gente fez, o que todas as outras bandas que conseguiram alguma coisa fizeram também. Tem que se mandar. Não dá, a gente tocou em todos os lugares possíveis e impossíveis dessa cidade. A gente já tava fazendo as nossas próprias festas, pra poder ter espaço pra gente tocar. Porque, se fosse esperar por uma oportunidade de fazer um som em algum canto, não ia acontecer. Acho que talvez já tivesse acabado a banda.

Livia – Nas pré-entrevistas, seus amigos falaram, a maioria citou, que você sempre quer chegar além, quer chegar longe. Onde é que você quer chegar?

Daniel – Baby, eu quero chegar onde eu puder parar e não fazer mais nada. Quando eu tiver satisfeito com tudo. Eu ainda não tô, nem 10%. Se hoje as coisas acabassem, teriam coisas que me teriam feito muito feliz e acho que, ali, já teriam me complementado, mas a minha ambição é muito grande. É tão grande, que, às vezes, eu tenho que contrabalancear, pra não se tornar alguma coisa louca, de me tirar da minha linha central, que eu tenha que chocar com algum valor meu.

Porque eu sou tão obstinado, tão obstinado, que eu às vezes fico assustado comigo mesmo. Tipo, o meu pai morreu em uma semana que eu tinha quatro shows em cidades diferentes e eu não cancelei nenhum deles, sabe, eu fiz todos. Teve um namoradinho meu que se suicidou aqui em Fortaleza, e no mesmo dia, eu tinha que fazer um show – se eu não fizesse aquele show, o contrato tinha que ser quebrado, eu que tinha que pagar. São coisas que eu passo por cima mesmo naquele momento, em busca do que eu quero fazer, por mais que aquilo esteja me apertando ou não naquele momento.

No começo de 2008, o Montage gravou participação no filme *Augustas*, ficção de estréia do documentarista Francisco Cesar Filho. A película é baseada no livro *A estratégia de Lilith*, do jornalista Alex Antunes, que em uma narrativa autobiográfica fala de suas experiências na cena alternativa de São Paulo.

Livia – E quais são essas coisas que você tem que fazer pra poder parar?

Daniel – Fazer ou ter? *(risos)* Gata, eu quero me estabilizar financeiramente. Eu ganho bem, mas eu não tenho uma vida segura, principalmente agora, com o bebê. Eu quero poder ter uma condição melhor e chegar num nível onde eu possa escolher as coisas que eu faço também, entende? Infelizmente, eu ainda não posso escolher tudo o que eu faço, todos os lugares onde eu me apresento, todos os lugares que eu tenho que estar. É isso. Eu quero poder fazer as coisas que eu quero só, sem ter uma segunda opção, e conseguir a minha estabilidade financeira dentro do que eu faço, que é a minha arte.

Então, eu acho que eu não quero nada de mais, pelo menos, né? Eu nunca infringi ninguém, eu nunca passei por cima de ninguém, eu nunca maltratei ou tive que pisar ou me servir daquela pessoa de guincho pra fazer alguma coisa... Enquanto tiver tudo dando certo dessa forma, eu vou continuar.

O problema é que, às vezes, a minha ambição é tão grande, que as pessoas que estão no mesmo barco que eu não conseguem acompanhar. Por mim, eu já tava morando na Europa há muito tempo, só que eu tenho que respeitar a coisa do Leco ter um filho e que ele quer tá na educação do filho dele, sabe? São vários fatores, eu não tô só nessa onda. Então, talvez isso seja até bom porque dê um contrapeso, mas eu tô sempre trabalhando. Eu tenho muita energia, eu me sinto ótimo, eu me sinto muito bem pra fazer as coisas, não tenho preguiça, não tenho vergonha, eu não tenho nada. Então, eu não tenho nada a perder. É fazer, fazer, fazer sempre. Quando tiver tudo ok, eu ligo: "Ó, deu certo. Agora, sim, eu posso" *(risos)*.

Henrique – Mas essa ida pra Europa, tem alguma coisa prevista?

Daniel – A gente vai *(com)* certeza. A questão é que têm várias outras coisas dando muito certo pra gente aqui. E esse selo que vai lançar nosso disco aqui também vai lançar o nosso disco na gringa *(gíria que, nesse caso, significa "no exterior")*. O filho do Leco tá indo morar em São Paulo, eu tô esperando o meu nascer. Eu não vou viajar agora pra Europa pra morar e chegar aqui *(encontrar)* um bebê de quatro meses. Eu vou me sentir muito mal. Então, eu prefiro que as coisas se estabilizem muito mais e isso vai crescendo a coisa lá também. Porque todos os produtores, donos de selos, de gravadoras, produtores de festivais, outras bandas que a gente tem acesso, troca uma idéia pessoalmente ou pela Internet, todo mundo fala – e isso é uma coisa que eu sei muito bem – que a gente vai ser muito bem aceito numa Alemanha, num Japão, numa In-

glaterra... Mas essa coisa dos meninos terem outras idéias foi me educando a ter a paciência correta pra isso. Por mais essa ambição que eu falo que eu tenho, eu também tenho essa paciência que dá uma baixada de bola.

Livia – Numa entrevista, você se definiu como uma pessoa "calminha". Como é que você faz essa distinção entre o Daniel cantor, o Daniel artista e o Daniel filho, o futuro pai, amigo?

Daniel – Eu sou uma pessoa realmente calma. Eu sou muito caseiro. Se eu tiver entretido na minha casa, com coisas que eu gosto de fazer, com pessoas que me dêem prazer de estar ao meu lado, eu fico na boa, tranqüilo. Eu não tenho essa necessidade da badalação, das festas, da exposição. E eu procuro ter uma vida social, mesmo fora de casa, também tranqüila, sabe? Entrar e sair de todos lugares de uma forma que eu possa ser bem aceito, sem causar muito alvoroço.

Só que a coisa da arte entra de uma outra forma. Não é um personagem o que eu interpreto, mas, ao mesmo tempo, não é o Daniel que tá em casa com você, assistindo um vídeo no *Youtube* ou fazendo uma comida, sabe? Então, tem esse diferencial. Eu empresto um pouco da minha essência pra aquele Daniel do palco, que sou eu, mas tem uma coisa muito mais intensificada do que o que eu sou normalmente, trocando uma idéia com você num lugar normal, que não tem um refletor em cima.

Bruno – Num poema seu, você descreve o palco como uma gaiola cheia de luzes. Qual a importância, pra você, desse momento que você tá no palco?

Daniel – Esse poema não é meu, esse poema é da Madonna. Acho que talvez eu não tenha assinado, quando eu publiquei no meu *fotolog*. É exatamente a definição de tudo, porque tem uma hora que eu reclamo muito de várias coisas, que são o lado não-legal, a carga excessiva de trabalho. Eu não tenho preguiça, mas chega uma hora que me estafa demais. Por exemplo, você fazer cinco shows seguidos, em cidades diferentes, de lugares completamente diferentes, são cinco *check-ins* de hotel *(procedimento de entrada, que dá início à diária)*, cinco *check-outs* *(procedimento de saída, em que a diária é fechada)*, cinco *check-ins* de avião *(procedimento anterior ao embarque)*, cinco passagens de som, cinco cabelos, cinco maquiagens... No último dia, eu tô acabado. Eu volto pra São Paulo; na segunda, eu tenho que gravar e, na terça, eu tenho que fazer... Sabe, então, tem horas que eu fico completamente perdido. Só que, também, quando eu tô no palco, é um momento mágico, de contemplar e agradecer tudo aquilo, que foi o que eu botei tijolo por tijolo

Daniel é inquieto e em pouco tempo fica à vontade. Gesticulava, fazia caretas, ria. Aos vinte minutos de entrevista, pôs as mãos na mesinha à sua frente e afastou os gravadores todos de uma vez.

Durante a entrevista, Daniel tomou duas garrafas de água mineral de 500 ml cada. Depois de beber tanta água de uma vez, Daniel pediu um intervalo para ir ao banheiro após uma hora transcorrida. Foi uma oportunidade para a turma avaliar rapidamente como tinha se saído até ali.

Uma das produtoras da edição anterior da revista *Entrevista*, Luciola Lima-verde, assistiu à entrevista como convidada e acabou virando uma prestativa assistente de produção. Ela chegou a ir até o shopping Benfica para providenciar a segunda garrafa d'água que Daniel tomou.

pra construir, né? Então, por mais que haja as lamentações – e elas existem, lógico, eu sou humano – tem esse momento sublime...

É uma coisa que eu acho que só pode saber quem é artista e quem sente a mesma coisa que eu, dessa coisa do palco, da troca da energia com as pessoas e da percepção do que as pessoas estão sentindo com aquele momento que você tá se doando. Porque eu me dão intensamente. Nesse show que vocês viram sábado (*o Montage havia se apresentado no encerramento da XVI Bienal de Dança – de Par em Par*), eu tinha achado que tinha quebrado a perna, terminei mudo. E aquilo é uma doação completamente da minha pessoa para entreter várias outras que eu nunca nem vi, sabe? Então, tem um pouco dessa troca também, e eu acho que é disso que vem esse carinho, das pessoas sentirem o quanto eu me doo de verdade, que eu não tô interpretando, por mais que exista um pouco dum personagem ali no meio.

Henrique – Daniel, deixa eu fazer só uma pergunta, deve ser a penúltima e a gente encerra. Eu queria saber se você é uma pessoa religiosa e em que situações você costuma orar.

Daniel – Eu venho do Crato, Cariri, terra do Padre Cícero (*Cícero Romão Batista, sacerdote católico, nascido no Crato em 1844 e morto em 1934 em Juazeiro do Norte*). Então, culturalmente, já foi uma coisa implantada. Eu não sou católico, mas eu tenho uma espiritualidade muito grande. Eu estudei muito o espiritismo kardecista (*doutrina baseada nas idéias do francês Hippolyte Léon Denizard Rivail, mais conhecido como Allan Kardec, nascido em Lyon, em 1804, e morto em Paris, em 1869*). Estudei no sentido de ler livros e me aprofundar e freqüentar algumas reuniões. Eu acho muito, muito, muito bonito a coisa da caridade – não a caridade de eu dar uma moeda a um mendigo na rua. E eu só passei a ter o conceito real da caridade depois que eu comecei a estudar isso, de ser a forma com que eu trato você na rua, enfim, o conceito maior da caridade que eu acho que tem que haver o tempo inteiro. E eu tenho essa coisa da espiritualidade mesmo, muito forte dentro de mim,

“Eu não fico rezando de joelho numa estátua, mas eu tenho uma forma muito bacana de dialogar com Deus.”

Depois de mais de duas horas de conversa em um ambiente fechado, Daniel pediu um cigarro emprestado a Célio, para matar a vontade de fumar.

que talvez tenha sido daí que tenha vindo essa certeza que eu falei, de que tudo ia dar certo sempre, porque tem essa força de uma consciência – olha que coisa hippie (*referência ao movimento hippie, ocorrido nas anos 1960*) que eu vou falar (*risos*) – de uma consciência astral de que existe uma coisa especial em mim, que se eu estivesse lá talvez eu tivesse perdendo isso.

Da mesma forma do filho, dessa coisa da espiritualidade, da continuação de uma geração. Então, eu não sou uma pessoa que me prendo a dogmas e a falsos valores de igrejas, mas eu tenho os meus valores espirituais, que são meus e talvez eu ache que eu nunca vá mudá-los, por eles estarem muito bem resolvidos dentro de mim. Eu faço uma prece pra uma pessoa que eu gosto, eu faço uma prece pra uma pessoa que eu não gosto, porque eu sei que é a forma muito mais bacana do que eu tá falando mal dele numa entrevista, se eu fizer uma oração. Então, eu tenho realmente esse desapego a essa coisa da matéria mesmo, indo pruma coisa mais espiritual. Mas é uma coisa também que não foi que eu adquiri há dois anos – fui crescendo com aquilo e isso foi se tornando uma coisa natural e bonita na minha vida mesmo. Eu não fico rezando de joelho numa estátua, mas eu tenho uma forma muito bacana de dialogar com Deus e... Enfim, não sei nem se é esse deus que as pessoas falam que é Deus, mas de alguma coisa que me move e explica certas coisas que eu não tenho como explicar.

Alan – Você falou de estabilidade. Quando é que você acha que você vai conseguir essa estabilidade?

Daniel – Quando eu tiver tudo o que eu achar que eu preciso e um pouco mais. (*risos*) Fora as coisas que eu preciso, que é a vida que eu tenho hoje – assim, não me falta nada –, mas eu não tenho certas coisas que eu ainda gostaria de ter. Quando eu já tiver essas – e eu não tô falando só de coisas materiais, não –, quando eu já tiver essas, vai tá tudo bom. Por exemplo, quando eu quiser ver meu filho e não tiver que fazer uma economia pra comprar um bilhete pra vir pra Fortaleza, simplesmente decidir pegar um voo e vir, isso vai tá ok na minha vida também. São essas pequenas coisas, que, pra mim, acabam sendo grandes, pelo meu histórico e de onde eu vim e as coisas que eu tinha ou as coisas que eu não tinha. Tudo parece que tem uma grandiosidade maior. Eu não sou tão megalomaniaco, não quero a Microsoft (*uma das maiores empresas de computação do planeta, que movimentou bilhões de dólares. Foi fundada pelos norte-americanos Bill Gates e Paul Allen em 1975*), não.

Débora – E o que você se imagina fazendo,

se, eventualmente, o Montage acabar? Quais são seus planos, além do Montage?

Daniel – Cara, isso é uma segurança que eu tenho muito grande. Se o Montage viesse a acabar hoje, por qualquer motivo, se eu não pudesse mais desempenhar as coisas que eu faço ou, enfim, o Leco não quisesse mais ou o Ricardo, eu acho que eu ia voltar pra comunicação, porque eu tenho uma abertura tão grande hoje. Já existem convites e eu nunca pude aceitar, justamente por conta dessa minha indisponibilidade de horários e tempos. Mas eu ainda não tenho um quadro na MTV, porque eu não quero, eu já fui chamado várias vezes pra... Quer dizer, porque eu não quero, não; porque eu não posso, porque eu adoraria fazer. Mas esse ano talvez, que eu saiba pelo menos que eu vá ficar os seis primeiros meses no Brasil, com certeza vai rolar. Que é uma parada sobre moda dentro do *Jornal da MTV* (*jornal que enfoca o mundo da música, exibido pela MTV desde 2002*). Então, eu acho que eu devo enveredar por essa onda. Mas eu também não largo mais a música, não. De alguma forma, eu já iria, sei lá, fazer um disco só meu ou DJ (*abreviatura do termo em inglês "disc-jockey", profissional que seleciona e roda as mais diferentes composições, previamente gravadas*), alguma coisa por aí. Não ia mudar tanto o que eu faço hoje, não.

Alan – Daniel, pois; em nome da turma, eu agradeço demais a entrevista.

Daniel – Obrigado a vocês, pela escolha... (*palmas da turma*) E eu espero vê-la muito rápido, eu tô supercurioso.



Terminada a entrevista, às 22h30, a equipe de produção levou Daniel para casa. Só não o acompanharam até lá porque ele insistiu em descer um pouco antes, para comprar cigarros, garantindo que costumava andar por ali até tarde da noite. E se foi, andando pelas ruas muito à vontade.

O Daniel mais novo nasceu no dia 30 de janeiro de 2009, em Fortaleza. Daniel Peixoto divide a autoria do filho com Regina Teixeira, amiga do entrevistado desde os tempos em que ele tentava a carreira de modelo. Já no dia 31, Daniel Teixeira Cordeiro de Farias foi apresentado no fotolog do pai, que o chamou de "meu pequeno príncipe".